

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - FCBS
DEPARTAMENTO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – DCBIO
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (LICENCIATURA)

Kawany Moreira Soares dos Santos

VIOLÊNCIA ESCOLAR E SUAS MANIFESTAÇÕES EM UMA INSTITUIÇÃO DE
EDUCAÇÃO BÁSICA

Diamantina

2024

Kawany Moreira Soares dos Santos

**VIOLÊNCIA ESCOLAR E SUAS MANIFESTAÇÕES EM UMA INSTITUIÇÃO DE
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e
Mucuri, como requisito para obtenção do título de
Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Profa. Dra. Luciana Resende Allain

Diamantina

2024

KAWANY MOREIRA SOARES DOS SANTOS

**VIOLÊNCIA ESCOLAR E SUAS MANIFESTAÇÕES EM UMA INSTITUIÇÃO DE
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Luciana Resende Allain

Data de aprovação ____/____/____.

Luciana Resende Allain
Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde - UFVJM

Patrícia Machado de Oliveira
Faculdade de Ciências Exatas - UFVJM

Lucimar Daniel Simões Salvador
Pró-Reitoria de Graduação - UFVJM

Sélvia Taciana Josiana Maciel de Paula Silva
Professora efetiva no Estado de Minas Gerais – PEB1. Ciências

Diamantina/2024

Dedico este trabalho às crianças e adolescentes que, de alguma forma, foram silenciados e não tiveram voz para bradar suas dores... eu os escutei e fui sua porta-voz, na esperança de contribuir para a construção de um ambiente mais seguro e acolhedor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por escrever minha história e permitir que eu chegasse até aqui sob sua graça.

Agradeço a minha mãe, Fernanda Ferreira Santos Lima Moreira (em memória), por mesmo ausente em carne, se fazer presente em espírito, me acalmando em pensamentos nas noites mais difíceis.

Agradeço aos meus familiares que sempre se fizeram presentes nessa jornada, mesmo estando a quilômetros de distância, que sempre me amparam e moveram mundos e fundos para que eu pudesse seguir meus sonhos. O meu sucesso é graças a vocês e todo o amor e dedicação que depositaram em mim.

Agradeço as amigas que estabeleci desde o primeiro dia de aula e as que fiz ao longo do caminho, todas se fizeram essenciais para que eu conseguisse suportar os dias mais difíceis e as situações mais adversas que a graduação pode proporcionar.

Agradeço a minha namorada, Lorrany Carolina Fonseca, por todos os puxões de orelha para deixar de procrastinar, pela companhia nas noites em claro estudando, pelos conselhos e por acreditar que eu era capaz.

Agradeço a minha orientadora, Luciana Resende Allain, por confiar e acreditar em mim quando eu mesma já havia perdido as esperanças. Todos os comentários, elogios e incentivos a escrever nos trouxeram até aqui e por isso eu serei eternamente grata. Você é um ser de luz e se tornou mais que uma simples orientadora, todas as trocas que tivemos andarão comigo para sempre.

Agradeço aos preceptores e escolas parceiras do Programa Residência Pedagógica, mas, em especial, agradeço a Sélvia Taciana Josiana Maciel de Paula Silva pela recepção, pelos conselhos, pelas trocas e risadas. Foi uma experiência incrível ser sua residente e poder aprender mais sobre o Ser Professora ao seu lado.

Agradeço aos alunos da escola-campo que foram os protagonistas deste trabalho. Se um dia vocês puderem ler esse documento, quero que saibam que foram essenciais na minha formação e no aprimoramento da minha visão sobre a docência. Desejo, de coração, que vocês brilhem e conquistem o mundo.

Agradeço as minhas colegas residentes que abraçaram a ideia e estiveram comigo durante as realizações das atividades, sei que fizemos a diferença juntas.

Agradeço aos meus professores do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, pelo conhecimento transmitido e pela inspiração constante na minha formação como educadora e bióloga.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, de forma direta ou indireta. Este trabalho é fruto de um esforço coletivo e representa um passo em direção à construção de uma educação mais justa para todos.

RESUMO

A violência, em suas mais diversas formas, é um fenômeno de conceito bem estabelecido e corriqueiro em nosso cotidiano; no entanto, quando pensamos em violência no cenário escolar, a narrativa se torna outra. Conhecido pelo termo Violência Escolar, o fenômeno é multifacetado e sua conceituação diverge a depender da perspectiva de quem pesquisa, bem como do objeto de estudo. Apesar disso, as manifestações violentas na escola são acontecimentos reais e merecem atenção dos pesquisadores para contribuição na compreensão do fenômeno. Nesse sentido, o presente trabalho teve como propósito caracterizar as percepções dos estudantes do 6º e 9º ano de uma instituição de ensino pública sobre as diferentes manifestações de violência, dentro e fora da escola, buscando coletar narrativas dos alunos sobre tais manifestações, caracterizar o entendimento dos mesmos sobre os diferentes tipos de violência, identificar a prevalência os tipos de manifestações da violência na escola e entender como a escola normatiza essas manifestações no Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar. Os dados foram coletados a partir de dois instrumentos utilizados durante uma Sequência Didática (SD) sobre violência: o questionário individual e os relatos anônimos, e foram analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1977). Percebeu-se que existe predominância da violência psicológica, seja ela praticada entre pares ou da escola para com os alunos, seguida da violência sexual, praticada, principalmente, por professores contra as alunas do 9º ano. Além disso, a partir da SD foi notório que os estudantes não conseguem compreender que são vítimas de violências e não sabem como agir frente a tais manifestações, apesar de, em seus documentos oficiais, a escola normatizar medidas contra as ações violentas. Nesse sentido, faz-se necessária uma discussão mais ampla sobre o tema no campo das pesquisas sobre educação para que a compreensão do fenômeno se dê de maneira efetiva, bem como a necessidade de investigações das manifestações de violência da escola para com os estudantes, para que as devidas medidas sejam tomadas e a escola seja um ambiente de fato acolhedor e de aprendizado.

Palavras-chave: Violência escolar. Violência da Escola. Programa Residência Pedagógica. Ensino de Ciências. Metodologias diferenciadas.

ABSTRACT

Violence, in all its different forms, is a well-established and commonplace phenomenon in our daily lives; however, when we think of violence in the school setting, the narrative becomes different. Known as School Violence, the phenomenon is multifaceted and its conceptualization differs depending on the perspective of the researcher and the object of study. Despite this, violent manifestations at school are real events and deserve the attention of researchers in order to contribute to understanding the phenomenon. In this sense, the purpose of this study was to characterize the perceptions of 6th and 9th grade students at a public school about the different manifestations of violence, both inside and outside the school, in an attempt to collect students' narratives about such manifestations, characterize their understanding of the different types of violence, identify the prevalence of the types of manifestations of violence at school and understand how the school regulates these manifestations in the Pedagogical Political Project and School Rules. The data was collected using two instruments used during a Didactic Sequence (DS) on violence: an individual questionnaire and anonymous reports, and was analyzed using Laurence Bardin's (1977) Content Analysis technique. There was a predominance of psychological violence, whether practiced between peers or by the school towards students, followed by sexual violence, practiced mainly by teachers against 9th graders. In addition, the DS showed that students do not understand that they are victims of violence and do not know how to act in the face of such manifestations, despite the fact that the school's official documents standardize measures against violent actions. In this sense, it is necessary to have a broader discussion on the subject in the field of education research so that the phenomenon can be understood effectively, as well as the need to investigate the manifestations of school violence towards students, so that the appropriate measures can be taken and the school can be a truly welcoming and learning environment

Keywords: School Violence; School Violence; Pedagogical Residency Program; Science Teaching; Differentiated Methodologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Alunos do 7º ano preenchendo o questionário individual.....	32
Figura 2. Caixa de relatos utilizada para coletar as narrativas dos estudantes sobre as manifestações de violência	32
Figura 3. Leitura do estudo de caso sobre assédio sexual com os alunos do 9º ano	33
Figura 4. Leitura do estudo de caso sobre assédio sexual com os alunos do 9º ano	33
Figura 5. Aula expositiva dialogada sobre a violência no 6º ano.....	34
Figura 6. Aula expositiva dialogada sobre violência no 9º ano.....	34
Figura 7. Criação dos panfletos informativos sobre a violência com os alunos do 6º ano.....	35
Figura 8. Criação dos panfletos informativos sobre violência com os alunos do 6º ano	35
Figura 9. Criação dos panfletos informativos sobre violência com os alunos do 6º ano	36
Figura 10. Produção textual para criação do final alternativo para o estudo de caso sobre violência sexual com os alunos do 9º ano	36
Figura 11. para criação do final alternativo para o estudo de caso sobre violência sexual com os alunos do 9º ano	36
Figura 12. para criação do final alternativo para o estudo de caso sobre violência sexual com os alunos do 9º ano	37
Figura 13. Relato do estudante E1 sobre violência física entre os pares.....	43
Figura 14. Relato dos estudantes E2 e E3 sobre violência física entre os pares	44
Figura 15. Relato do estudante E4 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos	45
Figura 16. Relato do estudante E5 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos	46
Figura 17. Relato do estudante E6 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos	46
Figura 18. Relato do estudante E7 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos	47
Figura 19. Relato do estudante E8 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos	47
Figura 20. Relato do estudante E09 sobre violência psicológica manifestada através do isolamento/exclusão	48
Figura 21. Relato do estudante E10 sobre violência psicológica manifestada através do isolamento/exclusão	48

Figura 22. Relato do estudante E11 sobre violência física e psicológica praticada entre os pares.....	49
Figura 23. Relato do estudante E12 sobre violência física e psicológica praticada entre os pares.....	49
Figura 24. Relato do estudante E13 sobre violência física e psicológica praticada entre os pares.....	49
Figura 25. Relato do estudante E14 sobre furto de materiais escolares	51
Figura 26. Relato do estudante E15 sobre furto de materiais escolares	51
Figura 27. Relato do estudante E16 sobre violência psicológica por parte de professores	53
Figura 28. Relato do estudante E17 sobre violência psicológica por parte de professores	53
Figura 29. Relato do estudante E18 sobre violência psicológica por parte de professores	53
Figura 30. Relato do estudante E19 sobre violência psicológica por parte de professores	53
Figura 31. Relato do estudante E20 sobre violência psicológica por parte de professores	54
Figura 32. Relato do estudante E21 sobre violência psicológica por parte de professores	54
Figura 33. Relato do estudante E22 sobre violência sexual na escola	55
Figura 34. Relato do estudante E23 sobre violência sexual na escola	56
Figura 35. Relato do estudante E24 sobre violência sexual praticada por professor	56
Figura 36. Relato do estudante E25 sobre violência sexual praticada por professor	56
Figura 37. Relato do estudante E25 sobre violência sexual praticada por professor	57
Figura 38. Relato do estudante E26 sobre violência sexual praticada por professor	57
Figura 39. Relatos dos estudantes E29, E27, E28, E29, E30, E31, E32, E33, E34 e E35 sobre violência sexual praticada por professor	57
Figura 40. Relato de estudante sobre violência sexual praticada por professor	58
Figura 41. Relato do estudante E36 sobre violência sexual cometida por um funcionário.....	58
Figura 42. Relato do estudante E37 sobre violência sexual cometida por um funcionário.....	59
Figura 43. Relato do estudante E38 sobre violência sexual cometida por um colega de turma	59
Figura 44. Relato do estudante E39 sobre violência sexual intrafamiliar	61
Figura 45. Relato do estudante E40 sobre violência sexual intrafamiliar	61
Figura 46. Relato do estudante E41 sobre violência sexual intrafamiliar	62
Figura 47. Relato do estudante E42 sobre violência contra a mulher	62
Figura 48. Relato do estudante E43 sobre violência contra a mulher	62
Figura 49. Relato do estudante E44 sobre violência contra a mulher	63
Figura 50. Relato do estudante E45 sobre violência contra idosos	64

Figura 51. Relato do estudante E46 sobre violência contra idosos	64
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Categorias e subcategorias analisadas	40
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
Art	Artigo
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNN	<i>Cable News Network</i>
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPP	Projeto Político Pedagógico
RE	Regimento Escolar
SD	Sequência Didática
UC	Unidade de Contexto
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UR	Unidade de Registro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 As Tipologias e Natureza da Violência	15
2.2 A Polissemia do Termo Violência Escolar.....	16
2.2.1 Violência na Escola	20
2.2.2 Violência contra a escola.....	21
2.2.3 Violência da escola.....	22
2.3 Estatuto da Criança e Adolescente e Dia Nacional De Combate Ao Abuso e à Exploração Sexual De Crianças e Adolescentes como instrumentos de proteção aos estudantes	23
2.4 Base Nacional Comum Curricular, Violência e o Ensino de Ciências.....	25
2.5 Estudo de caso como metodologia para abordar temas sensíveis	29
3 METODOLOGIA DE ENSINO.....	31
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	38
4.1 Caracterização da pesquisa.....	38
4.2 Caracterização do Cenário e Participantes da Pesquisa.....	38
4.3 Técnicas e Instrumentos de Coleta de Dados	39
4.4 Metodologia de Análises dos Dados	39
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA.....	42
5.1 A violência nos documentos oficiais da escola – Projeto Político Pedagógico e Regimento escolar	42
5.2 Categoria 1 - Violência <i>na</i> Escola	43
5.2.1 Violência Física	43
5.2.2 Violência Psicológica	45
5.2.3 Furto	50
5.3 Categoria 2 - Violência <i>contra a</i> Escola.....	52
5.4 Categoria 3 - Violência <i>da</i> Escola	52

5.4.1 Violência Psicológica	52
5.4.2 Violência Sexual e Violência por Negligência.....	55
5.5 Categoria 4 - Violência exógena	61
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
7 REFERÊNCIAS	68
8 APÊNDICES E ANEXOS.....	74
8.1 Apêndice A – Questionário aplicado aos estudantes.....	74
8.2 Apêndice B – Estudo de Caso (6º ano).....	76
8.3 Apêndice C – Estudo de Caso (7º ano).....	77
8.4 Apêndice D – Estudo de Caso (8º e 9º ano)	78
8.5 Apêndice E – Plano de Aula sobre Violência.....	80
8.6 Apêndice F – Produtos obtido com a sequência didática – Cartilhas informativas e produções textuais	82

1 INTRODUÇÃO

Todos os dias, quando lemos uma notícia online, quando assistimos ao jornal na televisão ou até mesmo convivendo em sociedade, testemunhamos diversas narrativas de eventos violentos ocorrendo por todo o mundo; e é muito interessante vermos como diferentes tipos de violência se manifestam no cotidiano.

Uma rápida busca em sites de pesquisa nos mostram como o índice de violência aumentou gradativamente com o passar dos anos. Em 2020, por exemplo, testemunhamos um aumento significativo da violência doméstica, principalmente com vítimas mulheres, devido às condições de isolamento impostas em decorrência da pandemia da COVID-19 (CECÍLIO; DE ÀVILA, 2023).

No ano de 2023, verificou-se, também, um aumento considerável de violência nas escolas. Muitas notícias foram veiculadas nos jornais e redes sociais sobre agressões de alunos contra professores, crimes motivados por bullying, e instituições de ensino que precisaram ser fechadas por conta de tiroteios ou ex-alunos que voltaram à escola para cometer atos de violência.

O Instituto “Sou da Paz”, no ano de 2023, divulgou resultados de um estudo bibliográfico feito no período de 20 anos (2002 – 2023), sobre ataques às escolas brasileiras. Ao longo desse tempo foram constatados 24 ataques violentos, sendo que de 2019 a maio de 2023 os números aumentaram consideravelmente, principalmente em 2023 (LANGEANI, 2023).

A Rede de TV americana *Cable News Network* (CNN), ou Rede de Notícias a Cabo, veiculou uma notícia sobre os ataques às escolas brasileiras, com foco no ano de 2023. Ao todo, segundo a CNN, as escolas sofreram 27 ataques violentos em um período de 21 anos (2002 – 2023) e, no último ano, o Brasil superou os números, atingindo nove casos de ataques às escolas de janeiro a outubro de 2023 (CNN, 2023). Estes são dados alarmantes, que evidenciam como a violência está presente em nosso cotidiano, principalmente dentro das instituições de ensino.

No entanto, o que se entende por Violência e o que se entende por Violência Escolar? Violência, no sentido mais amplo da palavra, é definida, segundo o dicionário, como:

1. Estado daquilo que é violento; 2. Ato violento; 3. Ato de violentar; 4. Veemência; 5. Irascibilidade; 6. Abuso da força; 7. Tiranias, opressão; 8. (jurídico, jurisprudência) Constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um ato qualquer, coação (PRIBERAM, 2024, p. 1).

Em contrapartida, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) em seu Relatório Mundial sobre violência e Saúde de 2002, a Violência se caracteriza por:

Uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002. p. 5).

Agora, quando pensamos em Violência Escolar, não há uma definição consensual entre pesquisadores da área, conforme será debatido com mais ênfase na fundamentação teórica. Mas, em termos gerais, é possível afirmar que a Violência Escolar se caracteriza por conflitos entre os pares, pichações, abuso de poder dos professores e gestores, bullying, etc. (PRIOTTO, 2012).

A motivação para a pesquisa surgiu a partir de observações feitas em 2023, durante o Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Biologia, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), do qual participei como bolsista. Nós, residentes, elaboramos uma intervenção pedagógica sobre manifestações de violência, realizada com todos os estudantes do ensino fundamental II de uma instituição de ensino no município de Diamantina, Minas Gerais.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo principal: *caracterizar as percepções dos estudantes do 6º e 9º ano de uma instituição de ensino sobre as diferentes manifestações de violência, dentro e fora da escola*. Com o intuito de alcançar o objetivo geral, têm-se os seguintes objetivos específicos:

- A)** Coletar narrativas dos estudantes referentes às manifestações de violência dentro e fora da escola;
- B)** Caracterizar o entendimento dos estudantes sobre os diferentes tipos de violência;
- C)** Identificar a prevalência dos tipos de manifestações da violência no ambiente escolar;
- D)** Caracterizar como a escola normatiza as manifestações de violência em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e Regimento Escolar (RE).

Diferentes autores possuem diferentes ideias do significado de violência escolar, no entanto, algo comum entre todas as definições é a compreensão das relações entre os membros da comunidade escolar como ponto-chave para as pesquisas sobre o tema, por isso, compreender as manifestações violentas nas instituições de ensino básico é de extrema importância para garantir que os estudantes, professores, gestores, funcionários e outros

membros da comunidade escolar se sintam seguros e resguardados perante a essas situações. Daí a relevância e pertinência deste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As Tipologias e Natureza da Violência

De acordo com o Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde, elaborado e divulgado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2002, a violência é uma questão de saúde pública e, para que as vítimas sejam amparadas e entendam o evento violento ao qual foram condicionadas, é importante que algumas classificações e categorizações sejam feitas (KRUG *et al.*, 2002).

Com relação à tipologia da violência, os autores supracitados dividem os eventos em três grandes categorias que dizem respeito a quem comete a violência. Dessa forma, a violência pode ser: auto-infligida; interpessoal e coletiva.

A violência auto-infligida é aquela onde o agressor é a própria vítima, ou seja, a pessoa pratica atos violentos contra ela mesma. Esse tipo de violência ainda é subdividido em duas categorias, podendo ser:

- A)** comportamento suicida, que se caracteriza por pensamentos, tentativas suicidas e/ou de fato a morte por suicídio;
- B)** auto-abuso, caracterizado por ações de automutilação, por exemplo, cortes, perfurações, queimaduras contra a própria pele, tapas, arranhões, mordidas, beliscões, puxões de cabelo, etc, como forma de agressão (KRUG *et al.*, 2002).

A violência interpessoal também é dividida em duas subcategorias:

- A)** Violência da família e de parceiro(a) íntimo(a), na qual os atos violentos de qualquer natureza ocorrem entre membros da mesma família e parceiros íntimos, mas que não necessariamente ocorre dentro de casa e as vítimas e agressores são pessoas diferentes;
- B)** Violência comunitária, onde a vítima e o agressor não possuem nenhum laço de parentesco, eles podem se conhecer ou não, e ela acontece, normalmente, fora de casa (KRUG *et al.*, 2002).

A violência coletiva está ligada principalmente a questões sociais, políticas e econômicas e é subdividida dessa forma:

- A)** Na violência coletiva social, os violentados são vítimas de crimes de ódio organizados por terroristas, violências de multidões em espaços públicos, etc.

- B)** A violência coletiva política tem relação com questões de nações, por exemplo, guerras.
- C)** A violência coletiva econômica visa ataques a determinados grupos frente ao ganho econômico dos mesmos, de forma a interromper ou inviabilizar, de alguma forma, que eles continuem a exercer suas atividades econômicas (KRUG *et al.*, 2002).

A respeito da Natureza da Violência, a OMS estabelece quatro categorias para compreensão das manifestações violentas. Sendo essas:

- A)** violência física, onde os atos compreendem agressões que causam danos físicos ao agredido, podendo ser com uso apenas da força física ou com uso de objetos;
- B)** violência sexual, onde não há o consentimento de ambas as partes, podendo se manifestar através de assédio, violação, exposição a nudez, etc.; Nesse sentido, tem-se a importunação sexual como qualquer ato libidinoso contra a vítima sem seu consentimento (SILVA, 2023) e o abuso sexual, que se configura por qualquer forma de contato em que o agressor possui um nível hierárquico superior ou poder sobre a vítima e utiliza dessa condição para benefício próprio (PIAÚÍ, 2021);
- C)** violência psicológica, onde as agressões não envolvem força física e os prejuízos são feitos à saúde mental da vítima através de ameaças, humilhações, abuso de poder, xingamentos, etc.;
- D)** violência por negligência ou privação, onde é negado à vítima acesso a condições necessárias para se ter uma vida digna (KRUG *et al.*, 2002).

2.2 A Polissemia do Termo Violência Escolar

A Violência, como antes apresentado, é um fenômeno presente em todos os níveis do convívio social e se configura hoje como uma das questões que mais afligem a sociedade contemporânea, causando angústia e medo nos indivíduos, sejam eles vítimas ou potenciais vítimas (PRUDENTE, 2017).

Mas, e a compreensão sobre a Violência Escolar? Existe uma concepção hegemônica sobre seu significado? Mesmo sendo muito presente na atualidade, a Violência Escolar não possui uma definição consensual e isso se dá pelo fato de a violência ser um fenômeno dinâmico e facilmente mutável, que acompanha o desenvolvimento social de uma população (ABRAMOVAY, 2002).

Apesar das discussões sobre Violência Escolar ocuparem uma pauta de destaque nos dias de hoje, este não é um fenômeno novo, vigente apenas nas escolas da sociedade atual, muito pelo contrário: as práticas de violência nas instituições de ensino vem de longa data. Se conversarmos com nossos avós, bisavós e até tataravós, vamos escutar muitos relatos de como os mesmos eram punidos com castigos corporais quando eram estudantes, ou seja, antigamente havia violência praticada principalmente pela escola, que agia como um sistema disciplinador, no qual os professores eram os agressores, responsáveis por “endireitar” os alunos (SPÓSITO, 2001; ABRAMOVAY, 2002, ABRAMOVAY & RUAS, 2003).

Apesar de fazer parte da dinâmica escolar desde sempre, os estudos feitos sobre a violência nas escolas tiveram maior ênfase nos anos 80, quando a demanda por segurança nas instituições de ensino passou a ser caso de segurança pública (SPÓSITO, 2001). Conforme destacam Abramovay (2002), Abramovay e Ruas (2003), nos dias de hoje a forma como a violência se manifesta nos ambientes escolares é diferente de antigamente, principalmente porque os estudos contemporâneos têm mais pesquisadores que buscam investigar esse fenômeno e conferir a ele um significado, para que cada vez mais ele possa ser compreendido. Além disso, o foco de investigação sobre os “autores das violências” também mudou, ou seja, além dos alunos, professores, também a escola como instituição, as relações interespecíficas e relações com o espaço físico tornaram-se objetos de estudo relevantes para os pesquisadores.

Diante dessa ideia, alguns pesquisadores da área, tais como Prudente (2017) e Abramovay (2002, 2005) buscam entender como a escola, um espaço que deveria ser democrático e inclusivo, focado na formação dos conhecimentos, valores sociais, comportamentos e relações com a sociedade, se tornou um ambiente desigual, de exclusão, ríspido e violento para grande parte dos membros que participam dela.

Para ajudar nesta compreensão, Furlong e Morrison (2000), ao pesquisarem escolas americanas, ressaltam que existe uma questão que precisa ser debatida: a diferença entre “violência escolar” e “violência na escola”. Para os autores, só assim será possível compreender as manifestações violentas nas instituições de ensino, de forma que professores, gestores, equipe pedagógica e outros funcionários atuem na prevenção e acolhimento das vítimas, além de evidenciar o papel das escolas como entidades institucionais e organizacionais responsáveis pela violência que acontece no interior dos seus espaços. Outro ponto que, segundo os autores, merece uma atenção é entender e diferenciar a Escola como espaço físico onde as violências se manifestam, por exemplo, quando um ex-aluno invade a escola e atira nas pessoas ali presentes;

e a Escola como um sistema que não só causa como também agrava os problemas individuais das pessoas que a frequentam (FURLONG; MORRISON, 2000).

O último tópico exposto pelos autores é um exemplo claro do que Charlot (2002), por exemplo, define como Violência Escolar Institucional, ou seja, a forma como a escola e o corpo docente, administrativo, outros funcionários, etc., tratam os estudantes daquela instituição de ensino e se portam frente às dificuldades e problemas dos mesmos.

Em contrapartida aos autores estadunidenses, Martins (2005) alerta que, por conta de questões como indisciplina, conduta antissocial e a própria delinquência juvenil, fatores inerentes ao desenvolvimento das crianças/adolescentes, a expressão Violência Escolar deveria ser utilizada apenas em situações extremamente graves, onde existem danos reais a outra pessoa. Para o autor, situações mais frequentes e menos graves deveriam ser denominadas de outras formas, como *bullying* ou indisciplina, por serem mais fáceis de se conduzir. Tal posicionamento é controverso, pois as práticas de *bullying* são caracterizadas por manifestações violentas repetitivas que envolvem intimidação, humilhação, pressão psicológica e até agressão física. É uma constante relação de abuso de poder entre as partes envolvidas, na qual um ou mais agressores exercem algum tipo de poder sobre uma, ou mais vítimas (LOPES NETO, 2005).

Debarbieux (2002) usa o termo “violência nas escolas” e alerta que este fenômeno é multifacetado, por isso uma definição geral pode torná-lo de difícil compreensão, pois uma definição única e engessada pode negar às vítimas o poder de nomear sua experiência. Para ele é fundamental que as mesmas sejam escutadas. Por outro lado, o autor pondera que uma definição clara sobre os tipos de violência é importante para que os estudos na área sejam de fato efetivos, principalmente nas buscas por ações preventivas (DEBARBIEUX, 2002).

Abramovay (2002) também utiliza o termo “Violência nas escolas” e acredita que as ações que se caracterizam ou não como violência podem variar conforme o contexto de cada instituição de ensino. Ela explica que a dificuldade de se estabelecer um significado concreto para o termo se dá porque cada escola está inserida em uma determinada realidade. Além disso, é preciso observar a posição hierárquica de quem está alegando a violência e de fatores inerentes ao indivíduo, como idade e certamente o sexo. A autora também chama atenção para pesquisas nas quais os alunos são os únicos apontados como propagadores da violência na escola, isentando outros membros da instituição quanto à responsabilidade de também produzirem violência. Para ela, tal responsabilização não deveria incluir só os adultos que convivem com os estudantes dentro da escola, mas também os adultos externos ao espaço físico da instituição

(ABRAMOVAY, 2005). Da mesma forma, Stelko-Pereira e Williams (2010) defendem que a violência escolar não deveria levar em conta apenas o que acontece dentro do espaço da escola, mas também deveriam ser levados em consideração eventos que ocorrem no trajeto casa-escola, nos arredores da instituição e até mesmo no ambiente virtual.

Em contraste a isso, Colombier (1989 *apud* PRIOTTO; BONETI, 2009) mostrou em seu livro “Violência na Escola” que a visão dos docentes é de que são os alunos os propagadores da violência, principalmente uns contra os outros, conta a propriedade, contra professores, gestores e outros funcionários. O motivo disso é que o corpo docente enxerga as questões familiares e socioeconômicas dos alunos como gatilho para que essas violências ocorram, e solucionar essas questões seria o caminho para resolver o problema.

Nesta mesma direção, Priotto e Boneti (2009) alertam que muitos estudos compartilham da ideia de que a violência nas escolas é resultado da desestruturação familiar, pois os pais não educam de forma adequada seus filhos em casa e transferem essa responsabilidade para a escola. Somam-se a isso questões socioeconômicas, de segregação social de grupos vulneráveis, o ingresso na criminalidade e até a influência da mídia. Outros estudos também apontam o desenvolvimento biológico acelerado das crianças como possível justificativa para a violência escolar, além de fatores inerentes à sociedade contemporânea, como a falta de sonhos futuros, sejam eles profissionais ou não, a pressão para entrada no mercado de trabalho ou até a falta de perspectiva acerca das questões da vida (PRIOTTO; BONETI, 2009).

Na perspectiva de Charlot (2002) a violência escolar é difícil de se definir porque as formas com que a violência tem se apresentado nas escolas são novas, e não eram vistas dentro de um ambiente escolar. Homicídios, agressões com armas de fogo ou armas brancas, estupros, roubo, etc, que ocorriam apenas no contexto externo à escola, ultrapassaram os limites dos portões e adentraram pelos pátios das instituições de ensino, causando estranhamento e principalmente dúvida de como agir, a quem recorrer, quais medidas tomar.

Outro ponto debatido pelo autor é o fato de que, na sociedade atual, a escola deixou de ser segura contra o que ele chama de “intrusões externas”. Hoje em dia é muito mais fácil entrar nos estabelecimentos escolares para resolver questões que tiveram início fora do perímetro da instituição. Tornou-se comum um amigo, pai, mãe, irmão, vizinho, etc, invadir um espaço educacional e transformá-lo em um espaço de violência (CHARLOT, 2002).

Pensando nisso, o autor enfatiza que para se definir a Violência Escolar como um fenômeno real e inerente às instituições é necessário que se distingam as manifestações

violentas ocorridas nas escolas em três categorias: violência *na* escola; violência *à* escola; violência *da* escola (CHARLOT, 2002).

De todos os pesquisadores aqui apresentados, Priotto e Boneti (2009) foram as únicas que definiram explicitamente a Violência Escolar. Segundo elas:

Denomina-se violência escolar todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar (PRIOTTO; BONETI, 2009, p. 03).

Partindo dessa definição, as autoras supracitadas se baseiam em Abramovay (2005), que realizou adaptações ao trabalho de Charlot (2002), propondo as seguintes categorias: violência *na*, *da*, e *contra a* escola, para incluir mais manifestações da violência nas escolas e abranger de forma mais ampla o fenômeno em estudo. Tais categorias serão debatidas a seguir e utilizadas como base deste trabalho.

2.2.1 Violência na Escola

Para Charlot (2002), a chamada Violência *na* Escola, é definida e exemplificada como:

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local (CHARLOT, 2002, p. 03).

Já para Priotto e Boneti (2009), esse tipo de violência é caracterizada como:

[...] está se caracteriza por diversas manifestações que acontecem no cotidiano da escola, praticadas por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, ex-aluno, pessoas da comunidade e estranhos (PRIOTTO, 2009, p. 08).

A partir disso, é notável como uma pequena alteração, principalmente nos agentes violentos, é capaz de englobar diversas situações muito comuns no cotidiano escolar. Quando Charlot (2002) define a Violência *na* Escola dessa maneira, ele afirma e coloca a escola apenas como um lugar ao acaso onde essa violência aconteceu, e que poderia acontecer em outro espaço, pois não está ligada às questões escolares.

Colocando dessa forma, o autor limita as violências ali ocorridas apenas às questões externas à escola e inviabiliza os impasses decorrentes daquele próprio ambiente de convívio social. Por exemplo, quando os alunos entram em conflito durante a aula de educação física por conta de um resultado insatisfatório durante a prática esportiva, a violência se iniciou na escola

e por agentes da escola, então a violência não poderia ter acontecido em outro lugar porque se deu por uma questão do cotidiano escolar.

Ao definirem Violência *na* escola, Priotto e Boneti englobam todas as ações, manifestações e eventos que ocorrem dentro da escola por questões inerentes à instituição ou por questões que são externas ao espaço, mas que se desdobram dentro dele. Dessa forma:

Caracterizam-se como atos ou ações de violência: física – contra o(s) outro(s) ou contra o grupo, contra si próprio (suicídios, homicídios, espancamentos, deferimentos, roubos, assaltos, ferimentos, golpes, estupro, agressões sexuais, exibicionismo, porte de armas que ferem, sangram e matam; drogas [uso, oferta, venda, distribuição de Álcool, Tabaco, Maconha, Cocaína, Crack, Merla, Anfetamínicos e outros]). Incivilidades – desacato, palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidação ou *bullying* (PRIOTTO, 2009, p. 08).

Essas violências listadas pelas autoras necessariamente envolvem indivíduos pertencentes a escola, ou seja, alunos, professores, gestores, funcionários, como vítimas ou agressores e acontecem nos espaços pertencentes a escola, como o pátio, as salas de aula, os banheiros, a quadra, etc., e aos arredores da instituição, como o portão de entrada, a via pública (calçada/rua), anexos da escola, entre outros.

2.2.2 Violência contra a escola

Charlot (2002) utilizou o termo “violência à escola” para categorizar a manifestação violenta que:

[...] está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam (CHARLOT, 2002, p. 3).

Para o pesquisador, essa categoria de violência está ligada, principalmente, à instituição como um espaço físico, ou seja, os danos à propriedade são levados em consideração, como, por exemplo: quebrar janelas, rabiscar carteiras, roubar objetos, etc.

O autor também coloca as violências interpessoais como pauta, no entanto, as manifestações se encaixariam nessa definição apenas quando ocorridas com professores, gestores, funcionários, etc., nunca com os alunos na posição de vítimas.

Em contrapartida, Priotto e Boneti (2009) ressignificam a definição supracitada, de forma que não haja sobreposição das categorias:

[...] é representada como atos de vandalismo, incêndio e destruição, roubo ou furtos do patrimônio como: paredes, carteiras, cadeiras, portas, cabos de fiação, cabos de telefone, materiais e equipamentos das instituições escolares. Esses atos de violência

implicam tanto aos membros da escola como à comunidade e estranhos à escola (PRIOTTO; BONETI, 2009, p. 08).

Ao tratar dessa forma, as autoras limitam as ações violentas ao que comumente se conhece como violência ao patrimônio - nesse caso, a escola - apenas como espaço físico de convívio e construção social. Além de reelaborar o pensamento, as autoras também trocam o nome da classificação: Charlot (2002) denomina como Violência à escola, enquanto Priotto e Boneti (2009) chamam de “Violência *contra a* escola”; deixando claro que as violências ocorridas contra os membros da instituição não se encaixam em tal categoria, sejam eles os alunos, ou ocupantes de posições hierárquicas mais elevadas, como professores e gestores.

Apesar da distinção entre as duas categorias, diferente de Charlot (2002), as autoras afirmam que uma mesma manifestação violenta pode se enquadrar em duas categorias diferentes, por exemplo, dois alunos brigando em frente ao portão da escola: um aluno arremessou um tijolo com a intenção de acertar o outro, mas acabou acertando e quebrando uma janela de uma sala de aula; nesse caso se configura como violência *na* escola, por ser um conflito entre os pares, e violência *contra a* escola, porque teve dano ao patrimônio (PRIOTTO; BONETI, 2009).

2.2.3 Violência da escola

Sendo, dentre as três, o que caracteriza a violência que se é menos estudada, mesmo frente a muitos relatos sobre ela, a Violência *da* escola, para Charlot (2002), é definida como:

[...] uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (CHARLOT, 2002, p. 04).

Já para Priotto e Boneti (2009), o fenômeno se caracteriza por:

[...] mostra-se todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam seus membros (qualquer um destes) como: os fracassos escolares, falta de interesse em permanecer na escola, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos (racismo), a desvalorização (tanto da instituição para com o aluno, como do aluno para si mesmo). A indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar – abuso do poder (baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade por parte dos professores, diretores, supervisores, exemplo: avaliação, atribuição de notas, entrega do boletim, a marginalização, a desvalorização do profissional professor, a falta de estímulos e interesse em educação continuada, discriminações diárias onde se destacam como violentas situações que não envolvem a força, mas se caracterizam por ações de força, como as que Abramovay (2003, p. 98) afirma ser violência “magoar, agredir por falta de respeito” que para os jovens são atos de violência por parte dos professores (PRIOTTO; BONETI, 2009, p. 08-09).

Dessa forma, têm-se que a violência *da* escola são todas as manifestações violentas que não envolvem violência física, mas sim a imposição de regras, costumes e práticas institucionais que despertam nos estudantes o sentimento de desvalorização, inferioridade, incapacidade, etc. Esse tipo de manifestação violenta é muito característica de instituições de ensino que privam seus alunos de serem jovens e os classificam erroneamente por seus defeitos e dificuldades.

É um fenômeno que parte da instituição escolar para com os alunos, mas também da equipe gestora para com os professores e demais funcionários, ou seja, é uma classificação que abrange as vítimas que se encontram nos níveis mais baixos da hierarquia educacional. Esta última categoria é de especial interesse para nossa pesquisa, tendo em vista que a violência da escola parte exatamente da instituição que deveria ser de acolhimento e educação para a vida. Conheceremos no próximo tópico.

2.3 Estatuto da Criança e Adolescente e Dia Nacional De Combate Ao Abuso e à Exploração Sexual De Crianças e Adolescentes como instrumentos de proteção aos estudantes

Na sociedade atual, quando somos vítimas de alguma injustiça ou violência, seja ela de qualquer natureza e ocorrida em qualquer lugar, somos respaldados por um conjunto de leis que nos asseguram alguma assistência como seres humanos inseridos em uma sociedade civilizada. No entanto, as crianças e adolescentes não tinham a mesma segurança antes da década de 90.

O Código de Menores, ou Código Mello Mattos, como era popularmente conhecido, foi o primeiro documento legal a proporcionar aos jovens brasileiros um tratamento mais humanizado e sistemático. Idealizado pelo jurista José Cândido de Albuquerque Mello Mattos, o Decreto nº 17.943-A de 12 de outubro de 1927 abrangia crianças e adolescentes menores do que 18 anos (DE AZEVEDO, 2007; BEZERRA, 2006).

O documento doutrinava manter a ordem social e por isso o público-alvo eram os jovens que estavam em situação irregular, ou seja, que eram abandonados por seus familiares, que residiam em famílias de pobreza extrema, ou que fossem delinquentes. Eram-lhes ofertadas assistência, proteção e vigilância, mas como forma de manter a sociedade “limpa” de jovens problemáticos e não por preocupação genuína com seu bem-estar (DE AZEVEDO, 2007).

Devido a pressões dos movimentos sociais, instituições que prezavam pela conscientização e respeito pelas crianças e adolescentes, organizações não-governamentais e da sociedade civil, em 13 de julho de 1990 foi estabelecida a Lei federal nº 8.069/1990,

conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que propõe a doutrina da proteção integral dos jovens brasileiros. Foi a partir do estabelecimento dessa lei que as crianças e adolescentes do Brasil passaram a ser vistos como cidadãos (SANTA CATARINA, 2024).

O ECA, prevê que as crianças, indivíduos com até 12 anos incompletos, e adolescentes, indivíduos entre 12 e 18 anos de idade, brasileiros, além de terem seus direitos garantidos judicialmente, são assegurados de que:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2021, p. 13).

Além disso, aos mesmos são garantidos pela lei supracitada que:

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais (BRASIL, 2021, p. 14).

E com relação à educação, o documento prevê:

Art. 53º A criança e o adolescente têm direito à educação, visando pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – direito de ser respeitado por seus educadores; III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores; IV – direito de organização e participação em entidades estudantis (BRASIL, 2021, p. 43).

Diante do exposto e embasado pelos estudos citados anteriormente no documento, é notável um grande descompasso do que se tem pré-estabelecido no papel e a realidade que encontramos nas instituições de ensino básicas brasileiras.

Se todo ato de violência contra crianças e adolescentes é passível de pena, seja ela qual violência for, porquê vemos constantemente os estudantes das escolas de educação básica sofrendo de violências na e da escola, mas poucas são as vezes que alguma medida é de fato tomada? Além do mais, se é assegurado a esses estudantes que eles sejam respeitados pelos educadores e que podem contestar critérios avaliativos, porquê a escola permite que os mesmos sejam vítimas de humilhação e opressão quando o fazem, ou porquê a escola ainda é conivente com determinadas manifestações de violência?

Um estudo feito por Silva, Silva e Diniz (2015) sugere altos níveis de violência no ambiente escolar onde os professores são os agressores e os alunos são as vítimas. As autoras notaram que há prevalência da violência verbal nos ciclos educacionais do Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais e na Educação Infantil, respectivamente, e que no Ensino Médio, a

tendência das manifestações é consideravelmente menor, o que leva ao questionamento das autoras: será que a frequência de manifestações violentas é menor no Ensino Médio porque os alunos de idades mais avançadas tendem a responder violência com violência? Em seus estudos, além do mostrado, as autoras constataram que o principal sentimento que as vítimas expressam, independentemente da idade, é o medo, evidenciando o quanto as violências verbais afetam as crianças e adolescentes e marcam a vida dos alunos, lhes tirando o direito do pleno desenvolvimento (SILVA; SILVA; DINIZ, 2015).

Outro tipo de violência que traz inúmeros prejuízos para as vítimas, principalmente para as crianças e os adolescentes, é a violência sexual. Depressão, comportamento autodestrutivo e ansiedade são as principais sequelas do abuso sexual dos jovens, além do atraso no desenvolvimento e instabilidade das relações interpessoais (SILVA; RESENDE, 2019).

No documento do ECA, alguns artigos como o 240 e 241 asseguram ser crime todo e qualquer tipo de pornografia envolvendo crianças e adolescentes, e o Decreto n.º 10.701/2021, sancionado no dia 17 de maio de 2021, institui o Programa Nacional de Enfrentamento da Violência contra Criança e Adolescentes com intuito de desenvolver políticas públicas para garantir proteção a eles contra todo tipo de negligência, exploração, violência e abuso, principalmente o sexual (BRASIL, 2021).

A data de sancionamento do Decreto faz alusão ao que se conhece popularmente por “Maio Laranja”, mês dedicado ao combate ao abuso e exploração sexual infantil (BRASIL, 2021). O dia 18 de maio é uma data importante para a história, que marca um acontecimento imoral e uma luta pela proteção dos jovens brasileiros contra crimes sexuais.

No dia 18 de maio de 1973, Araceli Cabrera Sánchez Crespo, de apenas oito anos, residia em Vitória, no estado do Espírito Santo, quando foi sequestrada e vítima de diversas formas de violência, incluindo abusos sexuais. A vítima foi morta e seu corpo encontrado carbonizado, seis dias após o ocorrido. Mesmo após mais de 50 anos do ocorrido, os culpados seguem impunes. Em memória ao acontecimento, em 17 de maio de 2000 foi sancionada a Lei n.º 9.970/2000 que institui o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (LARA *et al.*, 2023; BRASIL, 2021).

2.4 Base Nacional Comum Curricular, Violência e o Ensino de Ciências

Segundo Brasil (2018), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo cujo objetivo é proporcionar aos estudantes da educação básica a aquisição

igualitária de um conjunto de conhecimentos e habilidades fundamentais para sua plena formação como cidadãos atuantes na sociedade. É um documento de amplitude nacional que serve de apoio para elaboração dos currículos referência de cada estado do país, de forma que cada escola tenha uma orientação na elaboração de suas propostas pedagógicas.

No próprio documento há menção de que a BNCC foi elaborada de maneira coletiva com um conjunto de especialistas de áreas de conhecimento diversas para que o produto final fosse completo e atendesse as demandas da sociedade contemporânea. Nesse sentido, o estudante brasileiro, a partir da aprendizagem das dez competências pré-estabelecidas no documento, estaria preparado para o futuro, sejam quaisquer os seus projetos de vida (BRASIL, 2018).

O documento, portanto, se diz “orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 07). No entanto, observamos uma discrepância entre o que se encontra no documento e a realidade de muitas instituições de ensino hoje.

Dentre as dez competências gerais da educação básica da BNCC, três delas chamam atenção frente ao cenário de violência encontrado hoje nas escolas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.;
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.;
9. Exercer a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas, potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 09-10).

Tendo em mente que os professores e demais integrantes da escola têm a árdua missão de garantir que os alunos, como supracitado, construam uma sociedade justa, inclusiva e democrática; cuidem de sua saúde física e mental; exerçam empatia e a resolução de conflitos, como isso será feito se a realidade da escola hoje é tão violenta? A BNCC idealiza que as escolas sejam um “espaço de aprendizagem e democracia inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 14), contudo, existem níveis hierárquicos presentes nas instituições de ensino e sabe-se que existe o abuso de poder sobre os mais fracos, inviabilizando que ela seja democrática, inclusiva e, em muitos casos, segura.

O documento também enfatiza ações para aprimorar constantemente os currículos, dentre elas:

Criar e disponibilizar materiais de orientação para os professores, bem como manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem; manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular para os demais educadores, no âmbito das escolas e sistemas de ensino (BRASIL, 2018, p. 17).

Como discorrido por Priotto e Boneti (2009), a falta de iniciativas das instituições de ensino em promover atividades de aperfeiçoamento e a falta de incentivo para a formação continuada de professores pode implicar em violência *da* escola. As autoras acreditam ser necessário que os professores continuem aprimorando seus conhecimentos para transmiti-los com maior segurança e veracidade aos alunos durante as aulas. É importante que os professores apurem sempre seus conhecimentos, porque o próprio conhecimento é mutável, construído conforme há avanços consideráveis, tanto sociais e principalmente tecnológicos. Portanto, quando não há esse interesse de qualificação profissional os alunos podem sair prejudicados, e isso também diz respeito ao ensino de Ciências da Natureza.

Segundo a BNCC, a área das Ciências da Natureza tem um compromisso com o desenvolvimento do letramento científico dos alunos da educação básica e por isso precisa garantir que os estudantes sejam apresentados a conhecimentos, práticas, processos e procedimentos da investigação científica para que a formação dos mesmos seja integrada com o mundo das Ciências (BRASIL, 2018). No entanto, a violência perpetuada no âmbito escolar pode ser um empecilho para esse letramento. Isso porque, para se fazer Ciência é preciso ser curioso, questionar conhecimentos e situações pré-estabelecidas, e no Ensino de Ciências não é diferente. Independente do tema, é necessário, em uma dinâmica de sala de aula, que os alunos sejam curiosos, que eles participem com questionamentos, indagações e comentários, que contribuam com a construção do conhecimento coletivo. Entretanto, quando vítimas de violência escolar, a tendência dos alunos é se fechar, deixarem de ser participativos e engajados, o que pode dificultar a formação de seu pensamento crítico (HAYASHIDA; SANTOS, 2023; GOMES *et al.*, 2023).

Gomes *et al.* (2023) apontam como as pequenas manifestações violentas do convívio escolar são capazes de afetar a saúde mental dos estudantes, ocasionando em graves transtornos que acarretarão o baixo rendimento acadêmico dos alunos e dificuldades em estabelecer suas relações interpessoais:

[...] crianças e adolescentes estão em fase de maturação e de transições importantes, marcadas pelas fases dos desenvolvimentos físico, cognitivo e social, além da construção da própria identidade. Esses fatores tornam esse público mais propenso a experimentar estados emocionais intensos, quando somado a vivência de violências, a tendência de tornarem-se vulneráveis a transtornos mentais pode intensificar-se

significativamente. [...] Nesse sentido, situações de intimidação constantes, podem ocasionar sentimentos de desesperança, insegurança e medo, trazendo estresses emocionais que estão associados às crises de ansiedade e fobia social. [...] uma prática caracterizada por atos hostis, violentos e repetitivos, tem sido reportado em estudos como um potencial desencadeador para a queda no rendimento acadêmico, uma vez que as vítimas se sentem distraídas e preocupadas com a possibilidade de novos episódios de agressão (GOMES *et al.*, 2023, p. 15-16).

Em concordância com os pesquisadores supracitados, o estudo de Freire *et al.* (2018) feito com adolescentes vítimas de violência escolar, seja entre os pares ou a violência institucional, revelou resultados alarmantes frente à saúde mental dos estudantes. Segundo os autores, a violência escolar afeta diversas dimensões da vida do jovem, principalmente a saúde. As vítimas da violência tem prejuízos em seu crescimento e desenvolvimento pessoal e a intervenção da escola para acabar com a violência é essencial para melhorar a qualidade de vida dos estudantes. Segundo os autores:

A escola é um ambiente de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que estão insatisfeitos nesse espaço têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde, além de sentimentos de insatisfação com a vida (FREIRE *et al.*, 2018, p. 2)

No estudo, os autores notaram que os adolescentes vítimas da violência escolar se sentiam mal, tristes, humilhados e com raiva. Esses sentimentos acarretavam prejuízos ao processo de aprendizagem, visto que os alunos perdiam o interesse pelo estudo, não se sentiam motivados para frequentar as aulas e sentiam-se inseguros de participar das atividades (FREIRE *et al.*, 2018).

O exposto fundamenta a ideia de Hayashida e Santos (2023) sobre a participação dos alunos durante as aulas de Ciências e a importância que elas têm para a construção do conhecimento individual e coletivo. Nesse sentido, seria interessante que o professor de Ciências transformasse a sala de aula em um ambiente de debate sobre diferentes temas, buscando que os alunos percebam o mundo ao seu redor, as interações entre pessoas, de modo que consigam interpretar situações de violência em todas as suas formas (HAYASHIDA; SANTOS, 2023).

Leal *et al.* (2018) encontrou uma forma muito interessante de trabalhar a temática da violência com os alunos na disciplina de Ciências. Os autores adaptaram o jogo Detetive de forma que pudessem trabalhar, simplificadamente, o método científico de observação do fenômeno (nesse caso, as manifestações de violência), levantamento de hipóteses operacionais e o desenvolvimento e aplicações de possíveis soluções para a situação. O tabuleiro foi modificado para que os lugares abrangessem a escola e ambientes do entorno e os personagens receberam o nome de elementos da tabela periódica. Dessa forma, os estudantes tinham como

objetivo descobrir qual o personagem foi o responsável pela violência; qual o tipo de violência e em qual local a violência ocorreu. Assim, os estudantes refletiam sobre as manifestações violentas e exercitavam o senso crítico e a habilidade de dialogar sobre seu ponto de vista (LEAL *et al.*, 2018).

Atividades e discussões como as que os autores proporcionaram aos estudantes são capazes de transformar o espaço da sala de aula em um lugar acolhedor para que os estudantes se sintam confortáveis em conversar sobre o tema violência. Além disso, promovem aprendizado, para que os mesmos compreendam o fenômeno e saibam se portar frente a ele. Dessa forma, segundo os autores, tais atividades não só melhoram a relação da violência escolar nas instituições, como também ajudam a promover as questões de saúde mental e desempenho em sala de aula.

Mas como podemos propor atividades que abordem esse tema, para muitos considerado um tabu, nas aulas de Ciências? Sobre isso trata o próximo tópico.

2.5 Estudo de caso como metodologia para abordar temas sensíveis

Os estudos de casos são uma abordagem baseada em situações reais ou fictícias, que os professores podem utilizar em sala de aula para conectar os conteúdos científicos com a realidade dos estudantes. O objetivo dos estudos de casos é fazer com que o aluno reflita sobre situações sociais e desenvolva habilidades, como resolução de problemas, tomada de decisões, argumentação e trabalho em grupo (FERNANDES; ALLAIN; DIAS, 2022).

Nesse tipo de abordagem, o aluno será o protagonista responsável pelo desenvolvimento de seu próprio conhecimento, mas para isso o professor precisa ter um planejamento prévio do que deseja trabalhar com os estudantes, explicitando seus objetivos, para conseguir conduzir o aluno a desenvolver o conhecimento desejado (FERNANDES; ALLAIN; DIAS, 2022).

Segundo Queiroz e Cabral (2016 *apud* FERNANDES; ALLAIN; DIAS, 2022), para que a abordagem seja bem executada, é indicado que o professor siga algumas orientações como forma de guiá-lo a oferecer as ferramentas e condições necessárias para que seus alunos atinjam o objeto da proposta. Portanto, os autores propõem que para um caso ser considerado bom ele necessita:

Narrar uma história; desperta o interesse pela questão; deve ser atual; produz empatia para com os personagens centrais; inclui diálogos; é relevante ao leitor; tem utilidade pedagógica; provoca um conflito; força uma decisão; tem generalizações; é curto (QUEIROZ; CABRAL, 2016 *apud* FERNANDES; ALLAIN; DIAS, 2022).

Além disso, o professor precisa contextualizar o caso, para que os alunos consigam compreender e executar as tarefas necessárias. O professor precisa ter planejado quais as habilidades, conhecimentos e atitudes que ele espera que os alunos desenvolvam, quais os recursos e como ele pretende aplicá-los e principalmente qual será o destino e a fundamentação das resoluções propostas pelos estudantes (QUEIROZ; CABRAL, 2016 *apud* FERNANDES; ALLAIN; DIAS, 2022).

Conforme veremos adiante, essa foi a abordagem escolhida para tratar, na disciplina de Ciências, de manifestações de violência que havíamos acompanhado na escola onde atuamos como residentes.

3 METODOLOGIA DE ENSINO

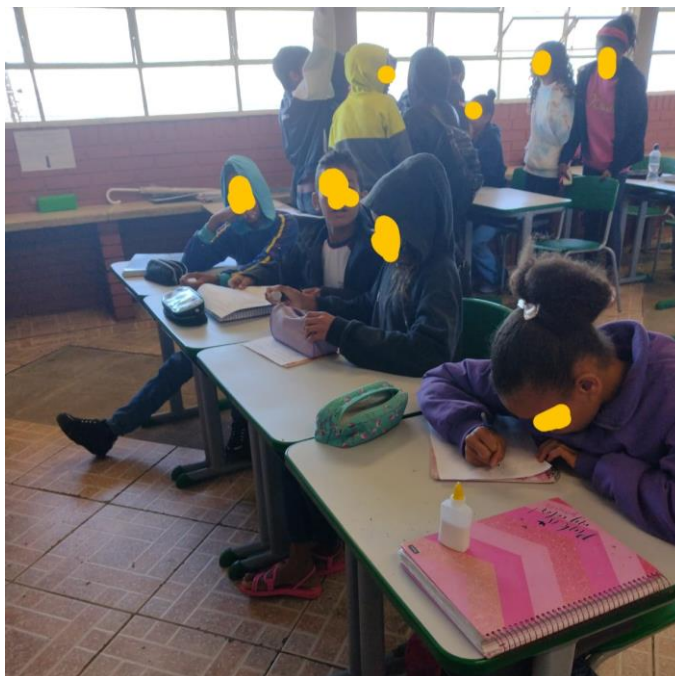
A partir de observações de eventos violentos ocorridos entre alunos, de professores para com alunos, da equipe gestora para com alunos e professores, etc., no ambiente escolar durante o período em que fui bolsista do Programa Residência Pedagógica, durante o ano de 2023, surgiu a motivação para abordar o tema com os estudantes e coletar dados para possíveis pesquisas sobre o fenômeno. Dessa forma, em conjunto com outras quatro residentes de Ciências Biológicas, elaboramos uma Sequência Didática (SD) para trabalhar as ocorrências de violência escolar ([Apêndice E](#)), aproveitando a proximidade do “Maio Laranja”, quando se faz referência ao combate do abuso de crianças e adolescentes.

A SD foi planejada em três etapas e foi realizada com oito turmas de Ensino Fundamental – Anos Finais, sendo duas turmas de 6º ano, duas turmas de 7º ano, uma turma de 8º ano e três turmas de 9º ano. As etapas da atividade ocorreram semanalmente desde a última semana do mês de abril do ano de 2023 até as três primeiras semanas do mês de maio, sendo que, uma das etapas coincidiu com o marco do Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes, datado dia 18 de maio.

A primeira etapa da SD ocorreu entre os dias 24 e 28 de abril de 2023 e consistiu na aplicação do questionário anônimo individual (Figura 1) e em uma intervenção pedagógica que consistiu na implementação de uma caixa lacrada com apenas um pequeno espaço para que os estudantes conseguissem colocar seus relatos (Figura 2). Cada sala recebeu uma caixa e a mesma permaneceu no local por uma semana, assim os alunos teriam tempo para relatar vivências violentas ocorridas no ambiente escolar, fossem elas antigas ou que se passaram no tempo em que a caixa estava lá disposta. O questionário foi impresso e entregue aos estudantes para que pudessem responder individualmente. Ele era composto de três seções de perguntas, sendo elas:

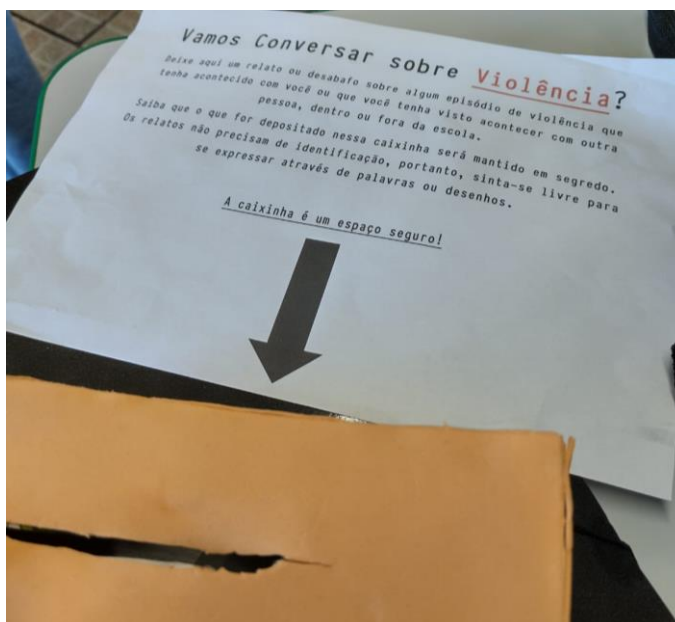
- A)** A primeira seção era de cunho pessoal, para obter dados do perfil dos estudantes, tais como idade, ano de escolaridade e gênero;
- B)** A segunda seção, de cunho investigativo, para entender a relação que os alunos haviam estabelecido com a instituição, ou seja, nessa seção os estudantes respondiam se gostavam da escola, se sentiam seguros e se gostavam dos colegas e professores;
- C)** A terceira e última seção também tinha cunho investigativo, no entanto, o foco era entender se existiam, como se manifestavam e quais eram os atos violentos presenciados na escola.

Figura 1. Alunos do 7º ano preenchendo o questionário individual



Fonte: própria autora (2023).

Figura 2. Caixa de relatos utilizada para coletar as narrativas dos estudantes sobre as manifestações de violência



Fonte: própria autora (2023).

A segunda etapa da SD ocorreu em dois momentos distintos, sem e com a presença dos estudantes. O primeiro momento aconteceu logo após a retirada das caixas, na semana dos dias 8 a 12 de maio de 2023, onde as residentes se reuniram para criar estudos de casos fictícios,

inspirados nos relatos que os alunos depositaram nas caixas. Ao todo, foram criados três estudos de casos para serem trabalhados com os estudantes: o primeiro retratava violência psicológica e foi direcionado aos alunos dos 6º anos (Apêndice B); o segundo tratava sobre violência cibernética e foi direcionado aos estudantes dos 7º anos (Apêndice C); e o último dizia respeito à violência sexual e foi direcionado aos estudantes dos 8º e 9º anos (Apêndice D). O segundo momento da SD ocorreu na semana dos dias 15 e 19 de maio de 2023 e consistiu na leitura compartilhada dos estudos de caso (Figuras 3 e 4). Neste momento, cada estudante recebeu uma cópia impressa do texto para colar no caderno e nós, residentes, lemos em conjunto com os alunos. Após a leitura foi feita uma discussão acerca do fenômeno descrito na história para que pudessemos entender como os alunos viam aquela manifestação violenta. Também pretendíamos entender se eles conseguiam compreender aquelas ações como violência e criarmos um espaço seguro para que os mesmos pudessem compartilhar suas histórias, caso se sentissem confortáveis. Durante os debates foram apontadas possíveis soluções para as situações apresentadas.

Figura 3. Leitura do estudo de caso sobre assédio sexual com os alunos do 9º ano



Fonte: própria autora (2023).

Figura 4. Leitura do estudo de caso sobre assédio sexual com os alunos do 9º ano



Fonte: própria autora (2023).

A terceira e última etapa da SD também teve dois momentos ocorridos concomitantemente. Na semana dos dias 22 à 26 de maio, realizamos uma aula expositiva dialogada com os estudantes para abordar o conceito de violência, tipos e natureza da violência e a divulgação de meios legais de denúncia e comunicação (Figuras 5 e 6). Após a aula, os alunos dos 6º anos foram instruídos a criarem folhetos informativos sobre a violência (Figuras 7, 8 e 9) e os alunos dos 9º anos foram instruídos a criarem um final para o estudo de caso lido anteriormente ([Apêndice F](#)) (Figuras 10, 11 e 12).

Figura 5. Aula expositiva dialogada sobre a violência no 6º ano



Fonte: própria autora (2023).

Figura 6. Aula expositiva dialogada sobre violência no 9º ano



Fonte: própria autora (2023).

Figura 7. Criação dos panfletos informativos sobre a violência com os alunos do 6º ano



Fonte: própria autora (2023).

Figura 8. Criação dos panfletos informativos sobre violência com os alunos do 6º ano



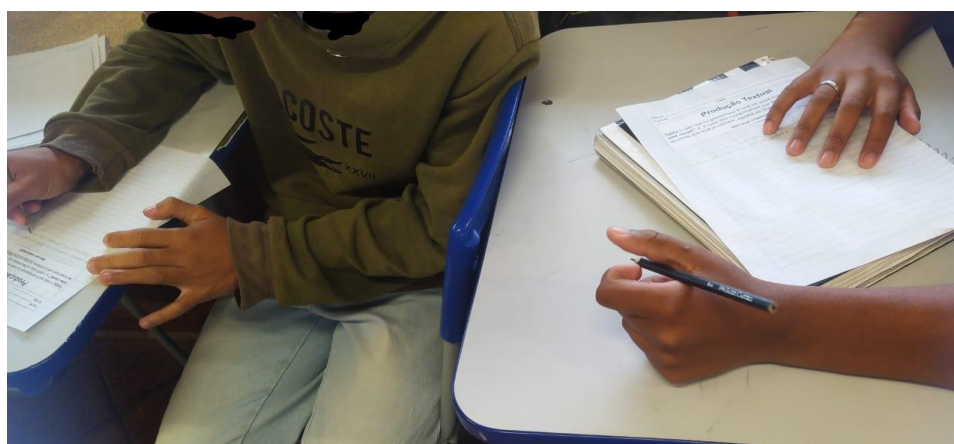
Fonte: própria autora (2023).

Figura 9. Criação dos panfletos informativos sobre violência com os alunos do 6º ano



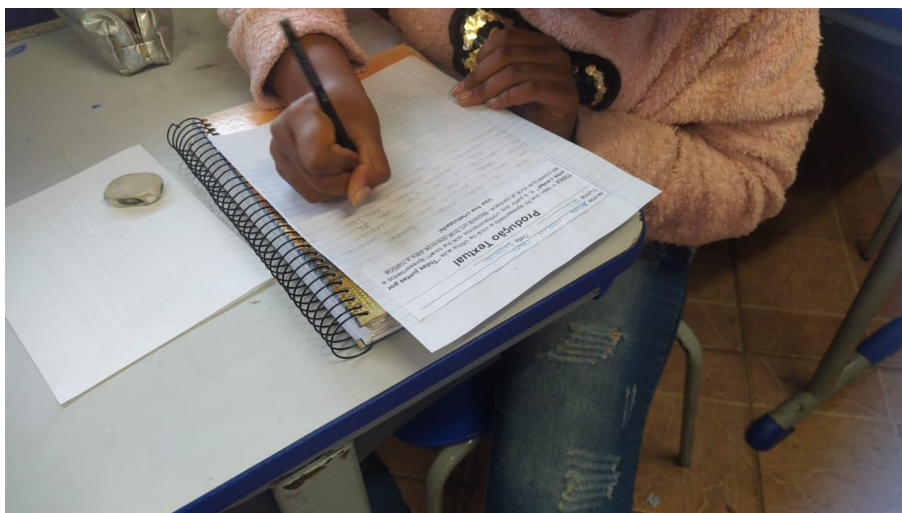
Fonte: própria autora (2023).

Figura 10. Produção textual para criação do final alternativo para o estudo de caso sobre violência sexual com os alunos do 9º ano



Fonte: própria autora (2023).

Figura 11. para criação do final alternativo para o estudo de caso sobre violência sexual com os alunos do 9º ano



Fonte: própria autora (2023).

Figura 12. para criação do final alternativo para o estudo de caso sobre violência sexual com os alunos do 9º ano



Fonte: própria autora (2023).

Em decorrência de alterações no planejamento pedagógico da escola, as turmas de 7º e 8º ano não tiveram essa última etapa da SD. Portanto, nesta pesquisa, utilizamos dados coletados com as turmas do 6º e do 9º ano.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

4.1 Caracterização da pesquisa

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que, segundo Flick (2004), o pesquisador é responsável por fazer reflexões sobre o assunto de interesse com auxílio de métodos de análise que sejam eficientes na concretização dos objetivos do estudo. Nesse tipo de pesquisa é imprescindível que o pesquisador consiga estabelecer suas ideias prévias, pois assim ele será capaz de observar perspectivas distintas e extrair das mesmas apenas o que de fato contribuirá para a conclusão do objetivo, sendo capaz de eliminar as questões que se divergem da ideia central da análise a ser feita.

Quanto à finalidade, é exploratória e descritiva. O objetivo da pesquisa exploratória é obter familiaridade com a problemática da pesquisa, “proporcionar, através da imersão do pesquisador no contexto, uma visão geral e não enviesada do problema considerado, e contribuir para a focalização das questões e a identificação de informantes e outras fontes de dados” (ALVES, 1991, p. 58). Segundo Gil (2008), as pesquisas descritivas nos permitem descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Quanto ao método, é uma pesquisa de campo. Enfatizamos que a pesquisa faz parte de uma pesquisa mais ampla, cujo título é “Caracterização dos projetos, programas e ações de intervenção em Ciências Naturais nas escolas vinculadas à Superintendência Regional e Secretaria Municipal de Ensino de Diamantina” e foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o nº do CAAE: 64530622.1.0000.5108.

4.2 Caracterização do Cenário e Participantes da Pesquisa

O cenário da pesquisa foi uma instituição de ensino público da educação básica localizada em uma área urbana no município de Diamantina, no Estado de Minas Gerais, Brasil. A escola é de domínio estadual e oferta aulas apenas para a etapa do Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais. Para fins de segurança e por princípios éticos, dados sobre a escola, como nome, endereço e outras informações que possibilitem sua identificação, não serão revelados.

Os dados foram coletados durante a última semana do mês de abril de 2023 e as três semanas iniciais do mês de maio do mesmo ano, coincidindo, uma das etapas, com o marco do Dia

Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes, datado dia 18 de maio.

Os participantes da pesquisa foram os alunos do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais dessa instituição. Participaram da pesquisa ao total 104 alunos, sendo esses 50 alunos do 6º ano divididos em duas turmas e 54 alunos do 9º ano divididos em três turmas. A média de idade dos estudantes foi de 11 anos para os alunos do 6º ano e 14/15 anos para os alunos do 9º ano. Houve predominância da participação de estudantes do gênero feminino em ambas as turmas. Também para fins de segurança e princípios éticos, a identidade dos alunos, bem como características que possibilitem sua identificação, não serão divulgados, sendo os mesmos apresentados nos resultados da pesquisa pela letra **E** (abreviação de estudante), seguido de um número de identificação, como por exemplo: E01, E32; E104, etc.

4.3 Técnicas e Instrumentos de Coleta de Dados

Os dados foram coletados por meio de um questionário semiestruturado que foi impresso e entregue aos estudantes para que fosse respondido de forma totalmente anônima e recolhido ao final da aula. O questionário presente no apêndice A continha 12 perguntas fechadas, sendo essas: cinco que o aluno poderia assinalar apenas uma escolha, e sete onde os estudantes ficavam livres para assinalar quantas escolhas se aplicavam à sua realidade; e também continha duas perguntas abertas que não eram de preenchimento obrigatório, totalizando 14 perguntas.

Outro instrumento de coleta de dados utilizado foram relatos, também anônimos, escritos livremente pelos estudantes e depositados em uma caixa disposta em cada sala de aula durante uma semana, conforme explicado na Metodologia de Ensino. A participação não era obrigatória, portanto o número de relatos coletados não foi o mesmo obtido com o questionário. Ao total obtivemos 37 relatos escritos pelos estudantes.

4.4 Metodologia de Análises dos Dados

Para analisar os dados desta pesquisa, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin (1977), que se caracteriza por:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a

extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controladas, baseada na dedução: a inferência. [...] Um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de forma e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 1977, p. 09 e 31).

A técnica descrita pela autora apresenta três categorias de organização dos dados, nomeadas e explicadas a seguir:

- A) Pré-análise:** consiste na organização do material a ser analisado. É nessa etapa que os documentos serão visualizados e, através de uma leitura flutuante, serão escolhidos para compor ou não a amostragem final de dados. Para essa etapa, portanto, fez-se um levantamento de todos os documentos obtidos através das atividades pedagógicas desenvolvidas durante a sequência didática, ou seja, questionários anônimos individuais, relatos anônimos, folhetos informativos e produções textuais. Dessa forma, decidiu-se que os questionários e relatos comporiam a amostragem final. Desses, fez-se outra leitura flutuante para entender o conjunto amostral dos dados e identificar as respostas coerentes ou não com o objetivo do estudo.
- B) Exploração do material – codificação:** consiste na criação de categorias para organização dos dados. Nesse sentido, a Unidade de Registro (UR), sendo o menor recorte semântico dos documentos, compreendeu as respostas dos alunos que relataram já terem sofrido ou presenciado qualquer tipo de violência, independente da natureza, enquanto a Unidade de Contexto (UC) sendo o recorte específico de interesse, consistiu nas respostas dos alunos que enfatizaram violências ocorridas no ambiente escolar para compreensão do fenômeno em questão. No entanto, as violências externas à escola não foram totalmente excluídas.
- C) Tratamento dos resultados:** compreende a categorização, descrição e interpretação dos dados obtidos. Dessa forma, os dados são analisados e agrupados de acordo com a similaridade e separados em categorias e subcategorias para compreensão do fenômeno em questão. O quadro a seguir (Quadro 1) apresenta a categorização desse estudo, realizada a partir de Priotto e Boneti (2009):

Quadro 1. Categorias e subcategorias analisadas

Categorias	Subcategorias
Violência <i>na</i> Escola	Violência Física Violência Psicológica Furto
Violência <i>Contra a</i> Escola	-
Violência <i>da</i> Escola	Violência Sexual

	Violência Psicológica Violência por negligência ou privação
Violência Exógena	

Fonte: elaborado pela autora, a partir de Priotto e Boneti (2009).

A seguir serão apresentados os resultados e as respectivas discussões.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Ao analisar os instrumentos de coleta de dados, obtivemos 104 respostas aos questionários individuais, sendo 50 respondidos por estudantes do 6º ano e 54 respondidos por estudantes do 9º do Ensino Fundamental – Anos Finais. Da totalidade, descartaram-se 30 questionários das análises, visto que não havia descrições e/ou alegações de nenhuma violência, e categorizou-se 57 questionários que abrangiam manifestações de violência *na* escola, com prevalência de violência psicológica entre os pares; seis questionários com alegações de violência *da* escola, com prevalência de violência sexual dos professores/funcionários para com estudantes, seguido de negligência da gestão escolar frente as queixas; 11 questionários que abrangiam a violência exógena em suas diferentes tipologias e naturezas.

Quanto aos relatos anônimos encontrados nas caixas, obtivemos 37 narrativas dos estudantes, das quais 10 foram excluídas das análises por não se encaixarem na proposta do trabalho. Entre as 27 narrativas restantes, oito delas faziam referência a violência *na* escola, sendo quatro sobre violência física e quatro sobre violência psicológica; 13 foram sobre violência *da* escola, com predominância da violência sexual; e seis retratavam violências exógenas ao ambiente escolar.

Em ambos os instrumentos de coleta não houve relatos sobre a violência *contra a* escola de maneira isolada ou como consequência de outras violências.

5.1 A violência nos documentos oficiais da escola – Projeto Político Pedagógico e Regimento escolar

Em seu PPP, a escola aborda a violência escolar estabelecendo que os estudantes devem ser respeitados, sem discriminação, além de que toda manifestação de violência deve ser trabalhada pedagogicamente, de forma a acolher os estudantes e instruí-los da melhor forma para que compreendam que tais ações são erradas. No entanto, na nossa observação cotidiana como residentes constatamos que esse discurso não se materializa. Na prática, notamos que a escola trabalha de forma totalmente oposta ao descrito, e tende a ignorar as manifestações de violência ocorridas no ambiente educacional, principalmente se os agressores forem membros do corpo docente ou outros funcionários. O sistema de instrução, notificação aos pais e punição dos agressores, apontado pela instituição como forma de combate, só se aplica quando os estudantes estão na posição de agressores e as manifestações violentas são contra um membro da escola. Ainda no documento, a instituição defende que ações preventivas devem ser criadas,

visando evitar as situações de violência no ambiente escolar. No entanto, observamos que a mesma se mostra conivente com os atos violentos, mesmo sabendo que estes afetam diretamente a saúde dos estudantes – aqueles que a escola visa proteger e garantir seu pleno desenvolvimento.

No Regimento Escolar (RE), assim como no PPP, a escola aborda pouco sobre a violência, mas deixa claro que os alunos são passíveis de respeito e que serão punidos os indivíduos que não seguirem tais regras. No entanto, como residentes, vimos que essas normas não funcionam na prática, uma vez que a instituição não parece preocupada com a integridade física ou mental de seus estudantes.

5.2 Categoria 1 - Violência na Escola

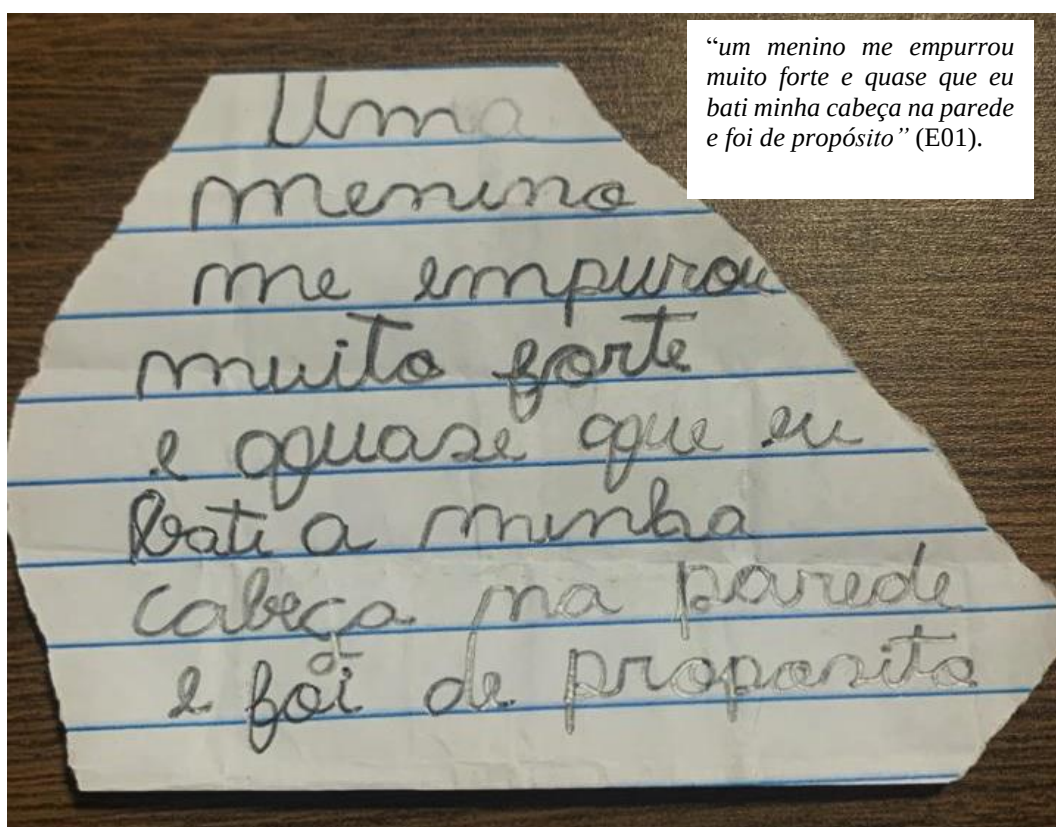
Nesta categoria, intitulada **Violência na Escola**, buscamos compreender como a violência se manifesta no ambiente escolar no que diz respeito às brigas, discussões e outros conflitos que se dão na escola por motivos intrínsecos a ela ou não, e independente dos autores.

5.2.1 Violência Física

Analisando a pergunta número 1 da seção 3 (Sobre você) do questionário individual, onde os estudantes precisavam assinalar as manifestações violentas que já haviam sofrido dentro ou fora da escola, havia duas opções que evidenciavam exclusivamente a violência física, sendo “empurraram-me com violência” e “bateram-me”. Nesse sentido categorizamos como violência física os questionários em que estas opções foram marcadas.

Houve, portanto, quatro questionários que evidenciaram a violência física no ambiente escolar e quatro relatos anônimos da caixa sobre a mesma natureza. Os alunos se queixaram, principalmente, de ações como empurrões e tapas, como relato o deixado pelo aluno E01 (Figura 13):

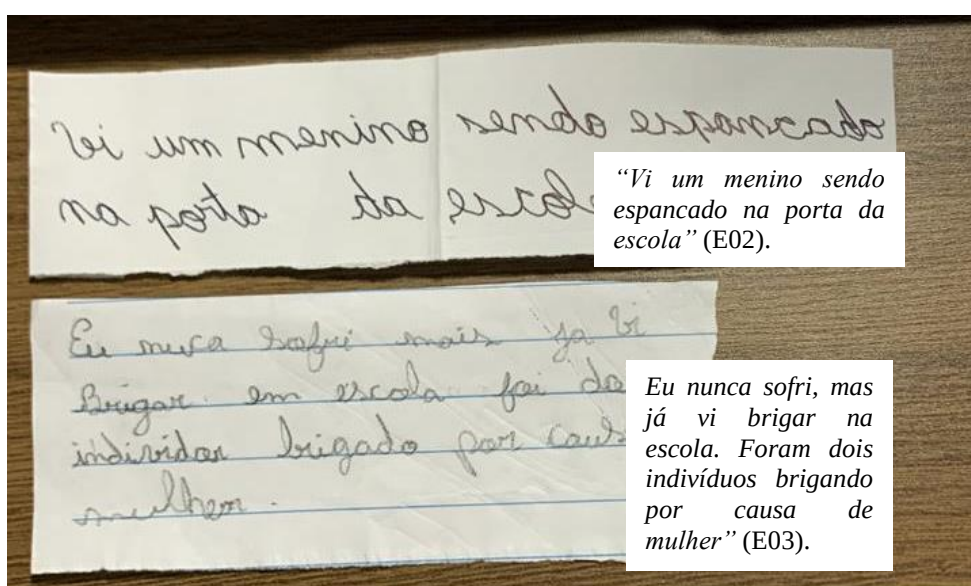
Figura 13. Relato do estudante E1 sobre violência física entre os pares



Fonte: própria autora (2023).

Outros dois relatos evidenciam que, às vezes, a violência física ultrapassa os limites dos empurrões e passa a ser algo mais sério (Figura 14):

Figura 14. Relato dos estudantes E2 e E3 sobre violência física entre os pares



Fonte: própria autora (2023).

Essas manifestações se justificam, principalmente, pela faixa etária em que os agressores se encontram. A fase da adolescência é marcada pela maturação biológica, então é comum que os jovens apresentem impulsividade e instabilidade emocional, acarretando confrontos uns com os outros por motivos que seriam resolvidos facilmente através do diálogo (GUIMARÃES; PASIAN, 2006).

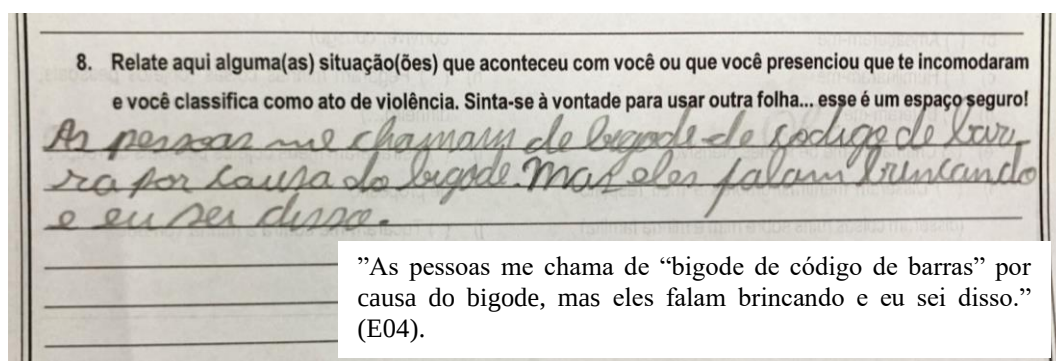
Além disso, os jovens aprendem, vivendo em sociedade, que as agressões e os conflitos corpo-a-corpo são, erroneamente, a melhor maneira de se resolver questões adversas e, em muitas das vezes, lidam com as frustrações de seu cotidiano com agressividade, principalmente dentro do ambiente escolar, que é um lugar de convívio social repleto de pensamentos e ideias distintos. Nesse sentido, notamos que a violência física de maneira isolada é pouco retratada no ambiente escolar, mas que está presente e que, eventualmente, toma proporções maiores, partindo de um simples empurrão para um espancamento.

5.2.2 Violência Psicológica

Na seção “Sobre você”, na mesma pergunta, continham opções que caracterizavam a violência psicológica, sendo elas: “ameaçaram-me”; “humilharam-me”; “chamaram-me de nomes ofensivos”; “disseram mentiras/rumores a meu respeito”; e “excluíram-me do grupo”. Dessa forma, consideramos como manifestações de violência psicológica os questionários e relatos que faziam menções a esses tipos de ações. Nesse sentido, obtivemos 32 questionários onde os alunos apontaram terem sofrido violência psicológica e quatro relatos anônimos que também descreveram ações dessa mesma natureza.

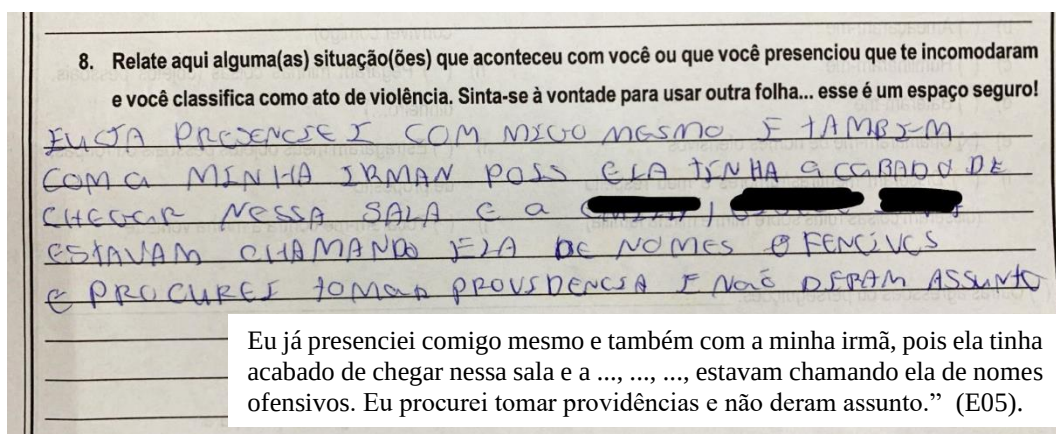
As alegações de terem sido chamados por nomes ofensivos foi a opção que se sobressaiu nos dados, principalmente os “apelidos” criados por características físicas, comportamentais ou pela personalidade das vítimas. Os relatos dos estudantes E04, E05, E06, E07 e E08 evidenciam a problemática (Figuras 15, 16, 17, 18 e 19).

Figura 15. Relato do estudante E4 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos



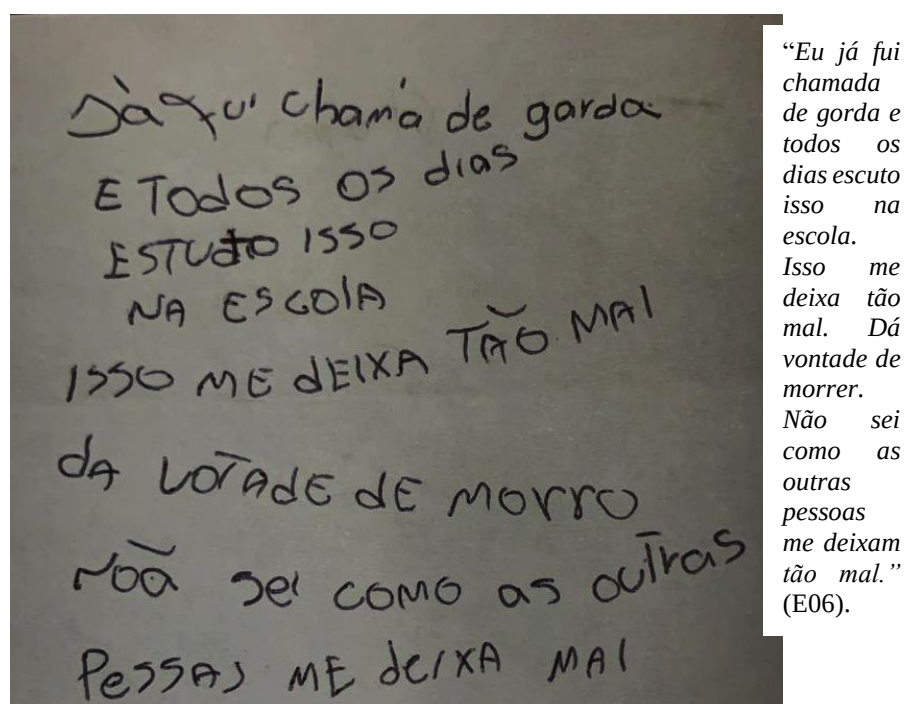
Fonte: própria autora (2023).

Figura 16. Relato do estudante E5 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos



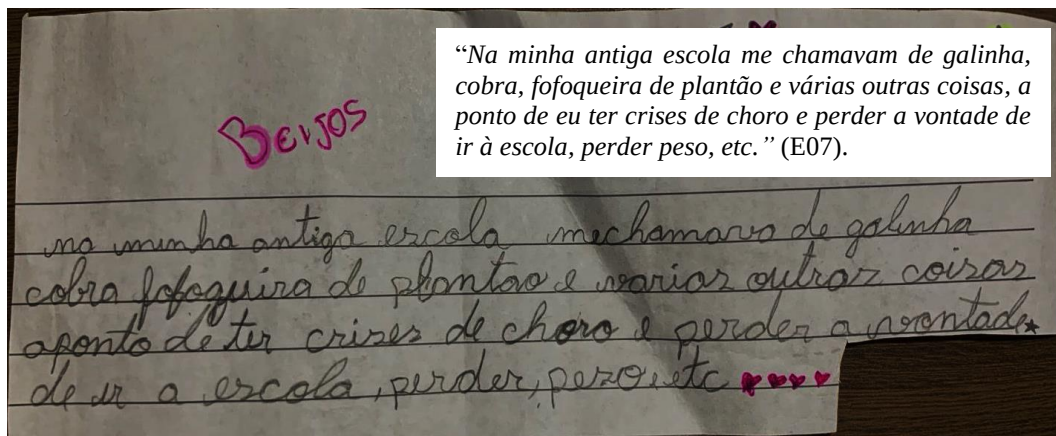
Fonte: própria autora (2023).

Figura 17. Relato do estudante E6 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos



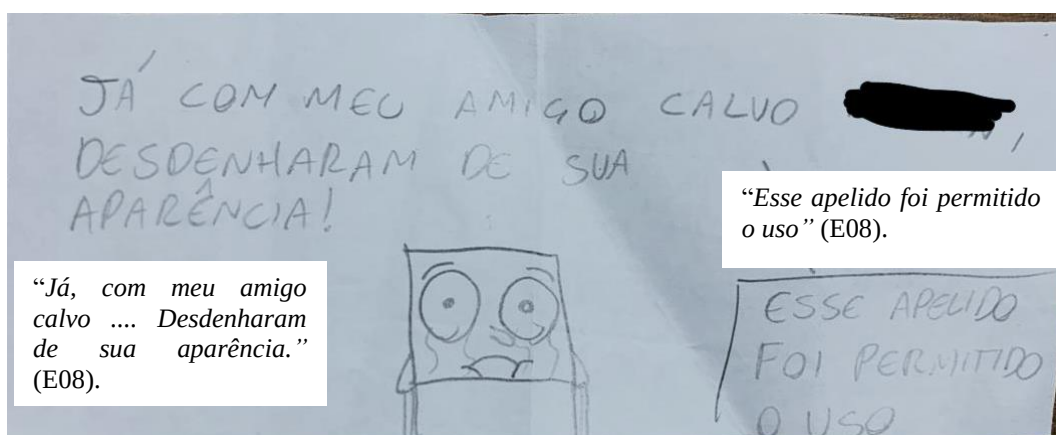
Fonte: própria autora (2023).

Figura 18. Relato do estudante E7 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos



Fonte: própria autora (2023).

Figura 19. Relato do estudante E8 sobre violência psicológica se manifestando através de apelidos ofensivos



Fonte: própria autora (2023).

Para Hornblas (2009) esses apelidos se configuram como pejorativos, ou seja, é um termo depreciativo cujo único objetivo é expor a pessoa ao ridículo, seja por conta de sua aparência, personalidade ou outros aspectos ligados ao indivíduo que ela é. Em geral, os apelidos são colocados com a intenção de provocar o riso no grupo e, em muitos dos casos, o apelido é utilizado tão frequentemente, que a pessoa passa a ser conhecida apenas por ele. Entretanto, enquanto para os espectadores pode ser divertido, para o apelidado nem sempre é cômico, principalmente quando o apelido é dado com a intenção de fazê-lo sentir-se mal consigo.

Vieira (2010) também retrata sobre isso em seus estudos. A autora chama essa prática de violência simbólica e os resultados são danos irreparáveis à vítima, visto que sua autoestima é afetada, implicando em mudanças comportamentais, por exemplo, deixar de gostar de ir para

a escola por ser alvo de chacota dos colegas. Tal ação, de apelidar alguém com intuito de insultar, tem impacto direto no rendimento escolar da vítima.

Outra ação de destaque nos questionários individuais foram as de exclusões/isolamento. Muitos alunos marcaram a opção referente a isso e alguns relataram que faziam parte de grupos e foram deixados de lado sem motivos aparentes (Figuras 20 e 21). Os autores Gomes e Mortimer (2008) criam reflexões sobre as causas do fenômeno da exclusão na escola que vai além das questões do indivíduo, como perfil socioeconômico e questões de raça e gênero. A exclusão social na escola está ligada a essas peculiaridades e diversos outros fatores que culminam no isolamento dos estudantes. Aspectos culturais, religiosos, históricos, familiares, dentre outros, influenciam na formação dos grupos dentro da escola, da mesma forma que influem na exclusão dos indivíduos.

Figura 20. Relato do estudante E09 sobre violência psicológica manifestada através do isolamento/exclusão

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

2 colegas minhas ficavam só falando mal de mim por trás, então fui falar com elas e elas me tiraram do grupo e decidi me afastar dessas pessoas.

“Duas colegas minhas ficavam só falando mal de mim por trás, então fui falar com elas e elas me tiraram do grupo e eu decidi me afastar dessas pessoas.” (E09).

Fonte: própria autora (2023).

Figura 21. Relato do estudante E10 sobre violência psicológica manifestada através do isolamento/exclusão

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

Na minha antiga escola eu tinha um grupo composto por 5 pessoas, mas uma menina era excluída do grupo.

“Na minha antiga escola eu tinha um grupo composto por cinco pessoas, mas uma menina era excluída do grupo” (E10).

Fonte: própria autora (2023).

Em 15 dos 57 questionários que indicavam a violência na escola, notamos, também, a presença da violência psicológica intrinsecamente ligada a violência física, que havia se mostrado menor quando analisada isoladamente. Durante a leitura dos depoimentos presentes nos questionários, os estudantes relataram serem alvos de xingamentos, apelidos pejorativos,

ameaças e outras importunações e, logo em seguida, serem empurrados ou alvos de alguma agressão física (Figuras 22, 23 e 24), demonstrando que, em grande parte dos casos, ambas as violências se manifestam juntas.

Figura 22. Relato do estudante E11 sobre violência física e psicológica praticada entre os pares

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

No 5º ano eu sofri bullying nessa escola me chamaram de Ratazana Preta na aquele momento me senti muito mal. Já sofri agressão de um aluno no 4º ano.

“No 5º ano eu sofri bullying nessa escola, me chamaram de ratazana preta. Naquele momento eu me senti muito mal. Já sofri agressão de um aluno no 4º ano.” (E11).

Fonte: própria autora (2023).

Figura 23. Relato do estudante E12 sobre violência física e psicológica praticada entre os pares

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

Falaram da minha família, me ameaçou, jogou água em mim e já me empurrou contra a escada.

“Falaram da minha família, me ameaçou, jogou água em mim e já me empurrou contra a escada.” (E12).

Fonte: própria autora (2023).

Figura 24. Relato do estudante E13 sobre violência física e psicológica praticada entre os pares

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

quando o menino me chamou de macaco e eu gritei com ele, ele me deu uma mochilada na cabeça

“Quando o menino me chamou de macaco e eu gritei com ele, ele me deu uma mochilada na cabeça” (E13).

Fonte: própria autora (2023).

Para Freire, Simão e Ferreira (2006) a conjuntura das agressões psicológicas e físicas se dá, sobretudo, pela necessidade do agressor de demonstrar poder sobre o agredido através da manipulação psicológica e reforçar o status de superioridade através da força física, de maneira

a fazer com que a vítima viva sempre insegura, com medo e em estado de alerta constante, sem saber quando será alvo de novas agressões.

Nascimento e Menezes (2013) explicam que essa intimidação e perseguição a uma vítima não é um ato de agressão gratuita e despreziosa, mas sim eventos premeditados marcados por discriminação e preconceitos que são construídos socialmente e perpetuados na cultura escolar. O agressor, nesse cenário, é um agente que apresenta um status de liderança e/ou popularidade no grupo escolar ao qual pertence e o agredido é sempre alguém cujas características físicas, comportamentais, intelectuais e influência social são atributos contrários ao agressor. Agregado a isso, tem-se o apoio de uma plateia silenciosa que é conivente com as ações, enfatizando ainda mais a sensação de medo da vítima. Para as autoras, as agressões psicológicas conjugadas às físicas são formas de externar preconceitos baseados em características adversas ao grupo cultural que o agressor pertence.

Em congruência, Alcantara *et al.* (2019), em seu estudo sobre a violência entre pares e o bem-estar, comentam sobre os efeitos que a violência manifestada a partir da relação desigual de poder e força entre o agressor e a vítima, desencadeiam em quem sofre com essas violências. Segundo os autores, a partir de buscas na literatura, a combinação das naturezas da violência desencadeiam picos de estresse, depressão e ansiedade, além de baixa auto-estima.

No cenário escolar, portanto, as práticas de violência psicológica comumente se manifestam pelo preconceito do agressor para quem é diferente dele e a realidade que ele conhece como “correta”. Nesse sentido, pode-se notar que a violência psicológica é sempre a mais frequente, porque os autores dos atos buscam, através do constrangimento e humilhação, coagir suas vítimas, para sentirem-se superiores a elas, replicando ações que são observadas na sociedade adulta. No entanto, a violência física também surge, aliada à violência psicológica, como forma de o agressor firmar seu ponto e diminuir ainda mais o agredido, de forma que ele se sinta insignificante e amedrontado.

5.2.3 Furto

Previsto no artigo 155 do Decreto de Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940, entende-se o furto por “Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel” (BRASIL, 1940), ou seja, o furto é um crime onde a pessoa toma para si ou para outro alguém, algo que não lhe pertence, e não utiliza violência para tal (DISTRITO FEDERAL, 2016).

Encontrar coisas no chão e pegar para si sem verificar se tem dono, ou pegar algo do estojo dos colegas sem pedir permissão, ou pegar algo de alguém só porque a pessoa tem em grande quantidade e você não tem nenhum, são práticas bem comuns entre os estudantes de todos os níveis de escolaridade, principalmente porque, para eles, a concepção de que é crime pegar objetos como canetas, lápis, dinheiro, roupas, entre outros, sem a permissão do dono, não existe.

Nas respostas do questionário, tais questões ficaram evidentes. Houve seis relatos de estudantes que alegaram terem sido vítimas de furto, ou seja, seis questionários haviam assinaladas as opções de “pegaram minhas coisas (objetos pessoais, dinheiro...)” e “estragaram meus objetos pessoais ou roupas, de propósito” (Figuras 25 e 26).

Figura 25. Relato do estudante E14 sobre furto de materiais escolares

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

rouba minhas canetas

“Roubam minhas canetas” (E14).

Fonte: própria autora (2023).

Figura 26. Relato do estudante E15 sobre furto de materiais escolares

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

Roubaram meu lápis, mas chamei o professor.

“Roubaram meu lápis, mas eu chamei o professor” (E15).

Fonte: própria autora (2023).

Apesar de serem condutas usuais no ambiente escolar, para Freller (2001), os atos de furto nas instituições de ensino são, dentre várias outras, condutas de indisciplina, no entanto, não devem ser tratados com normalidade, visto que são ações que precisam ser entendidas para ser compreendidas. A autora sugere que o furto nas escolas deve se enquadrar como uma conduta violenta, pois gera constrangimento, fere a moral da vítima, e resulta em prejuízo material, visto que lhe é tirado algo.

A autora ainda aponta que, na dinâmica escolar, os estudantes indisciplinados que desafiam a autoridade institucional, são ovacionados pelos membros do grupo a que pertencem e, em muitos dos casos, são vistos como heróis por desafiarem as regras e serem o mensageiro

das insatisfações coletivas. No entanto, o indivíduo que furta é excluído do grupo a qual pertence por “atacar” os iguais e prejudicar a relação entre os pares (FRELLER, 2001).

Para Azevedo (2017) o furto nas escolas é um reflexo direto da construção sociocultural na qual o indivíduo que furta está inserido. A autora aponta que as crianças observam essas ações em seu cotidiano, em localidades externas a escola, e as replicam no contexto escolar por, muitas vezes, não compreenderem que é algo errado e passível de punição severa. Dentre diversos fatores, a influência da família e adultos do convívio da criança, bem como o nível socioeconômico, se portam como essenciais na construção do caráter moral do indivíduo. A escola é o meio de instruir as crianças sobre a moral e valores sociais, de forma que os mesmos consigam desenvolver criticamente tais aspectos para viver civilizadamente em sociedade, como cidadãos conscientes e justos (AZEVEDO, 2017).

5.3 Categoria 2 - *Violência contra a Escola*

Nessa categoria, intitulada **Violência contra a escola**, previa-se discutir as ações violentas praticadas contra a instituição escolar como espaço físico, bem como patrimônio público. No entanto, não foram feitos registros dos estudantes no questionário ou nos relatos anônimos sobre atos de vandalismos, incêndios, roubos de patrimônios da escola, nem outras ações que configuram a categoria. Portanto, não haverá discussões acerca desse tema.

5.4 Categoria 3 - *Violência da Escola*

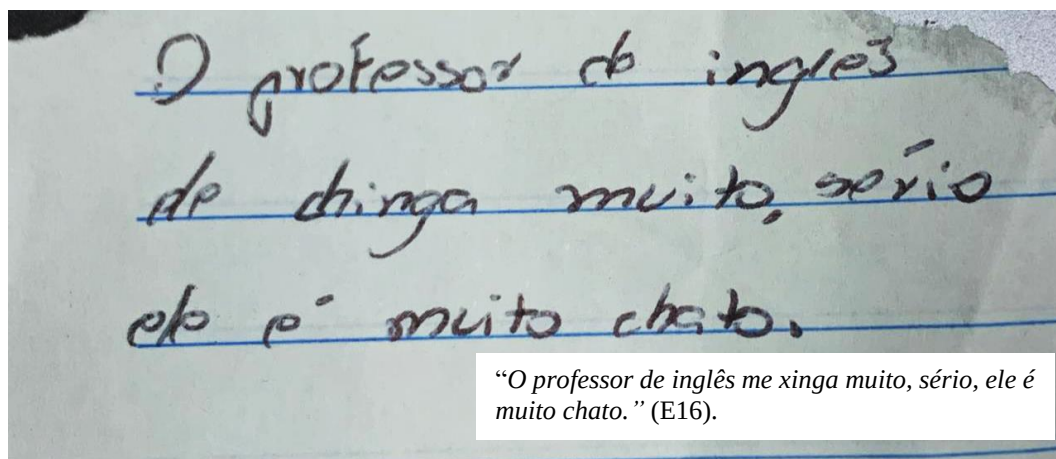
Nessa categoria, intitulada **Violência da escola**, procuramos compreender as ações violentas da escola para com seus membros, sejam alunos, professores ou outros funcionários. Buscou-se aqui, caracterizar as expressões da violência institucional.

5.4.1 *Violência Psicológica*

Na leitura dos questionários, notamos que não haviam indícios de violência dessa natureza por parte da escola. Os estudantes não alegaram, em momento algum, terem sofrido violência psicológica por parte de professores, gestores e/ou outros funcionários da instituição, mesmo que nós, residentes, havíamos notado certas manifestações como humilhações, modificações de notas, divisões das turmas por desempenho escolar, entre outros fatores que categorizam tal natureza. No entanto, na leitura dos relatos anônimos, encontramos seis

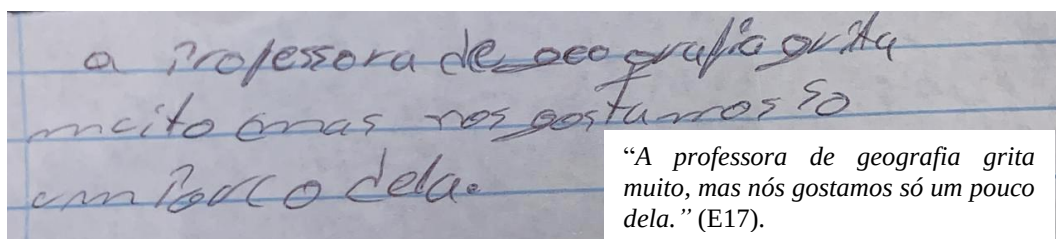
estudantes do 6º ano que colocavam professores na posição de agressores (Figuras 27 –, 28, 29, 30, 31 e 32).

Figura 27. Relato do estudante E16 sobre violência psicológica por parte de professores



Fonte: própria autora (2023).

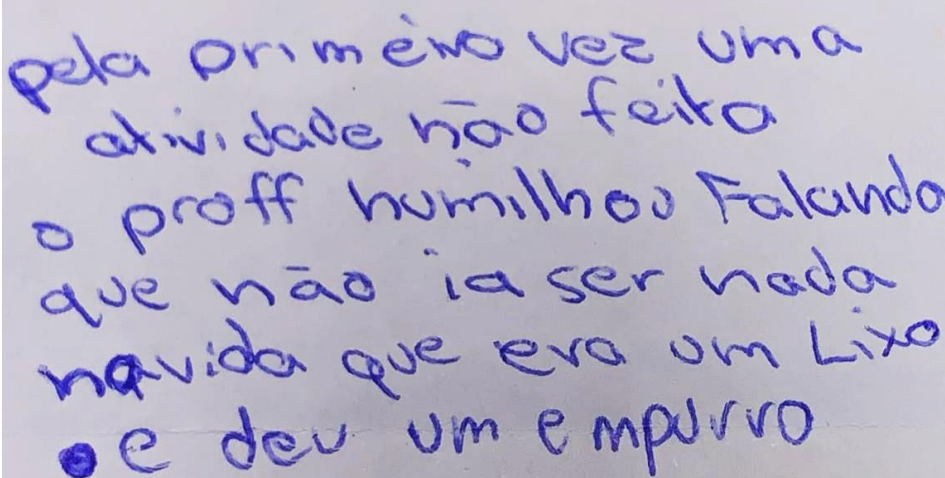
Figura 28. Relato do estudante E17 sobre violência psicológica por parte de professores



Fonte: própria autora (2023).

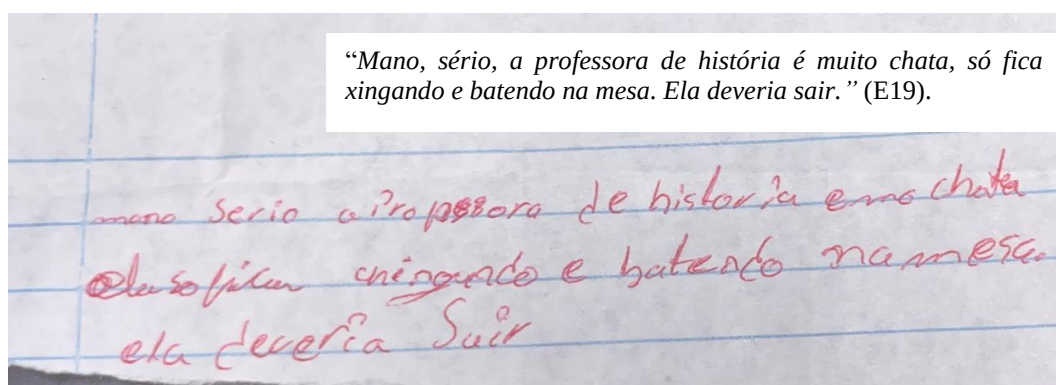
Figura 29. Relato do estudante E18 sobre violência psicológica por parte de professores

“Pela primeira vez eu não fiz uma atividade e o professor me humilhou falando que eu não ia ser nada na vida, que era um lixo, e me deu um empurrão.” (E18).



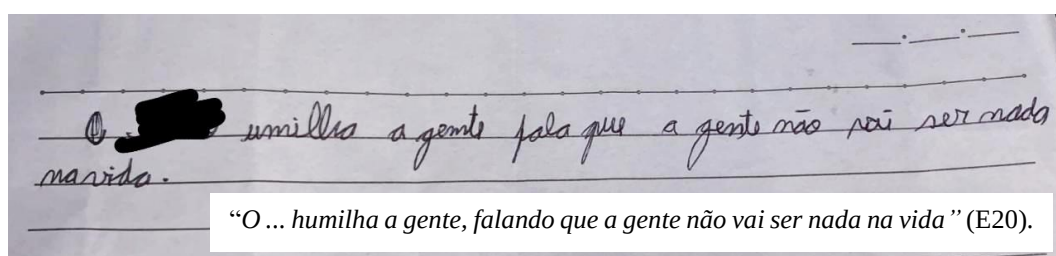
Fonte: própria autora (2023).

Figura 30. Relato do estudante E19 sobre violência psicológica por parte de professores



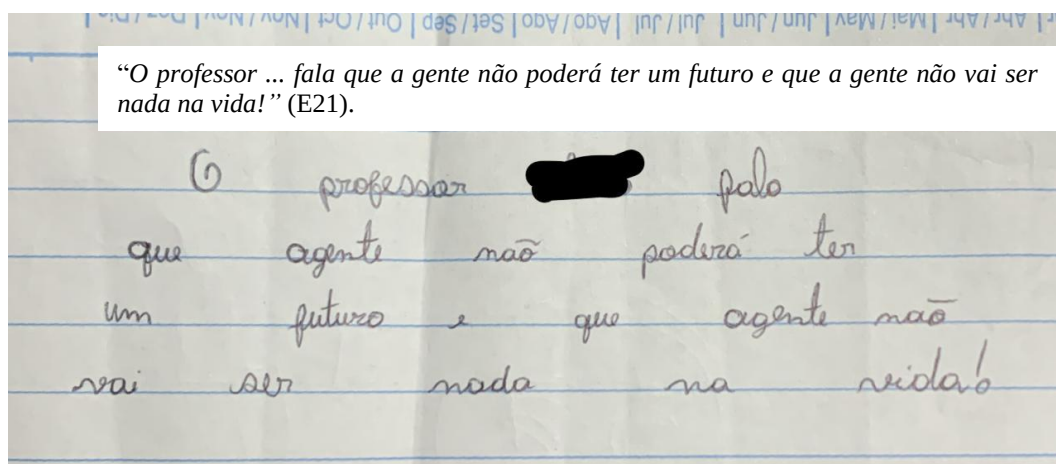
Fonte: própria autora (2023).

Figura 31. Relato do estudante E20 sobre violência psicológica por parte de professores



Fonte: própria autora (2023).

Figura 32. Relato do estudante E21 sobre violência psicológica por parte de professores



Fonte: própria autora (2023).

A partir do relato dos estudantes podemos perceber como a autoridade docente entra em crise quando os estudantes não seguem as regras exigidas pelos professores ou não conseguem acompanhar o que é proposto. Humilhações, xingamentos e gritos usados como forma de impor a autoridade em sala de aula são ações comuns feitas por professores que não se sentem respeitados ou que, por algum motivo, sentem que precisam amedrontar e “diminuir” o estudante para serem obedecidos em sala de aula.

Em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) (2020), a escola afirma que as indisciplinas e dificuldades devem ser resolvidas pelos servidores da escola, quaisquer que sejam eles, através do diálogo, da escuta ativa e da comunicação não violenta como forma de prevenir e manter a escola como um espaço saudável; no entanto, segundo os relatos dos estudantes, é notável como isso não acontece no ambiente escolar.

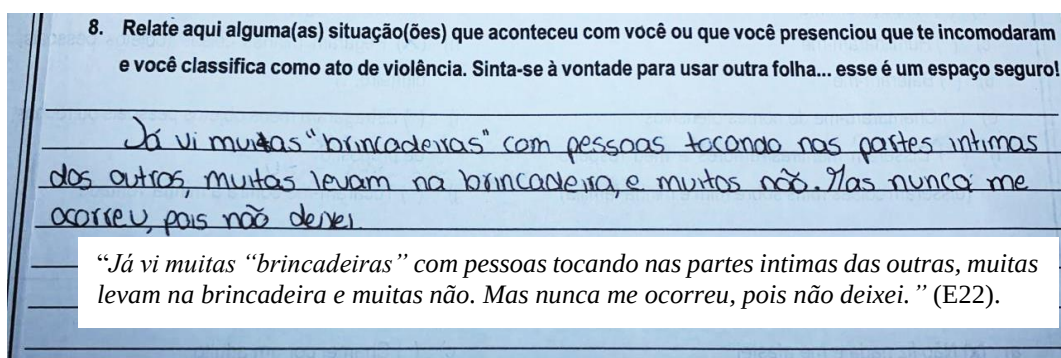
A falta de empatia dos docentes para com os estudantes frente a possíveis dificuldades destes em relação à introdução de novos conteúdos escolares pode prejudicar o desenvolvimento dos mesmos em aspectos cognitivos. As autoras Ferraz e Ristum (2012) sugerem que desqualificar e desvalorizar os estudantes em sala de aula por suas dificuldades de aprendizagem ou por dificuldades em seguir compreender regras cria uma relação baseada em desrespeito e o estudante se sente rejeitado, envergonhado e incapaz, atrapalhando seu processo de escolarização.

Em seu estudo, Scherer *et al.* (2017) apontam que as situações de desrespeito, ameaças e agressões verbais propagadas na relação professor-aluno se agrupam em eventos que progridem corriqueiramente para violências mais sérias. A forma como professores lidam com suas frustrações e desapontamentos para com seus estudantes influencia diretamente na propagação ou controle de violências maiores, visto que as violências mais sutis geram comportamentos cada vez mais indesejados nos estudantes (SCHERER *et al.*, 2017).

5.4.2 Violência Sexual e Violência por Negligência

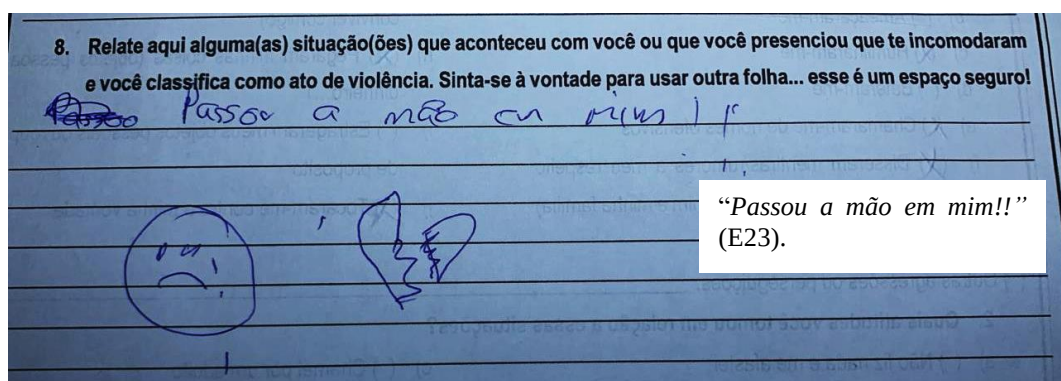
Na primeira pergunta da seção “sobre você” do questionário anônimo havia uma opção (“Tocaram-me contra a minha vontade”) que fazia menção a qualquer abuso de cunho sexual que a pessoa havia sofrido, fosse ele dentro ou fora da escola. Houve seis questionários com tal opção assinalada, todos de indivíduos do gênero feminino, estudantes do 9º ano, na faixa etária entre 13 e 15 anos, que, além de marcarem tal opção, relataram na pergunta de número oito da mesma seção, situações de violência sexual sofridas no âmbito da escola (Figuras 33 e 34), em que o abusador era um professor da instituição em questão (Figuras 35, 36, 37 e 38). Além dos questionários, houve, também, seis relatos anônimos de abuso sexual na escola cometidos por professores (Figuras 39 e 40), funcionários contratados (Figuras 41 e 42) e alunos (Figura 43)

Figura 33. Relato do estudante E22 sobre violência sexual na escola



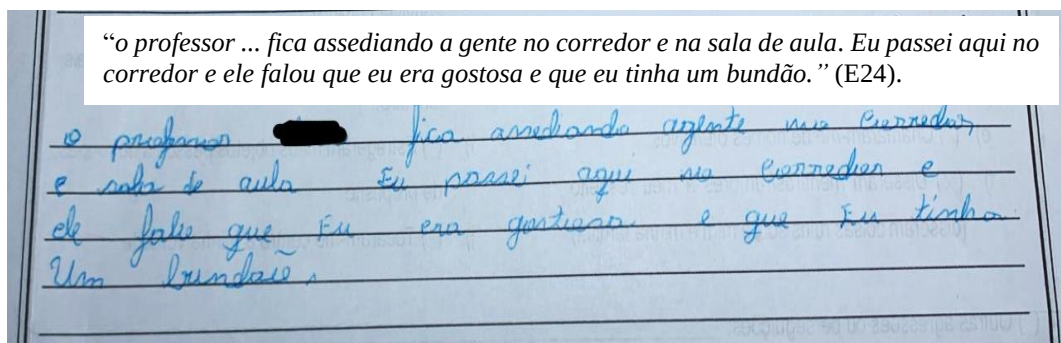
Fonte: própria autora (2023).

Figura 34. Relato do estudante E23 sobre violência sexual na escola



Fonte: própria autora (2023).

Figura 35. Relato do estudante E24 sobre violência sexual praticada por professor



Fonte: própria autora (2023).

Figura 36. Relato do estudante E25 sobre violência sexual praticada por professor

1. Você já foi vítima de alguma dessas situações por parte de colegas ou professores dentro e fora da escola?

a) ☐ Empurraram-me com violência

b) ☐ Ameaçaram-me

c) ☒ Humilharam-me

d) ☐ Bateram-me

e) ☒ Chamaram-me de nomes ofensivos

f) ☒ Disse: “Fizeram comentário me elogiando e não gostei porque foi um professor. Não é porque ele é um professor, é porque tenho muita insegurança com meu corpo” (E25).

g) ☒ Excluíram-me do grupo (não quiseram conviver comigo)

h) ☒ Pegaram minhas coisas (objetos pessoais, dinheiro...)

() Outras agressões ou perseguições: *Fizeram comentário me elogiando e não gostei, porque foi um professor. não é porque ele é professor é porque tenho muita insegurança com meu corpo*

2. Quais atitudes você tomou em relação a essas situações?

a) ☒ Não fiz nada e me afastei

b) ☒ Fugi/tive medo

c) ☐ Chamei por um adulto

d) ☐ Pedi ao agressor para parar

Fonte: própria autora (2023).

Figura 37. Relato do estudante E25 sobre violência sexual praticada por professor

“Sobre um professor que se chama ... que só fica elogiando nós alunas. Fica olhando para as partes íntimas das meninas” (E25).

sobre um professor, que se chama ... que só fica elogiando nós, nós alunas, fica olhando para as partes íntimas das meninas.

Fonte: própria autora (2023).

Figura 38. Relato do estudante E26 sobre violência sexual praticada por professor

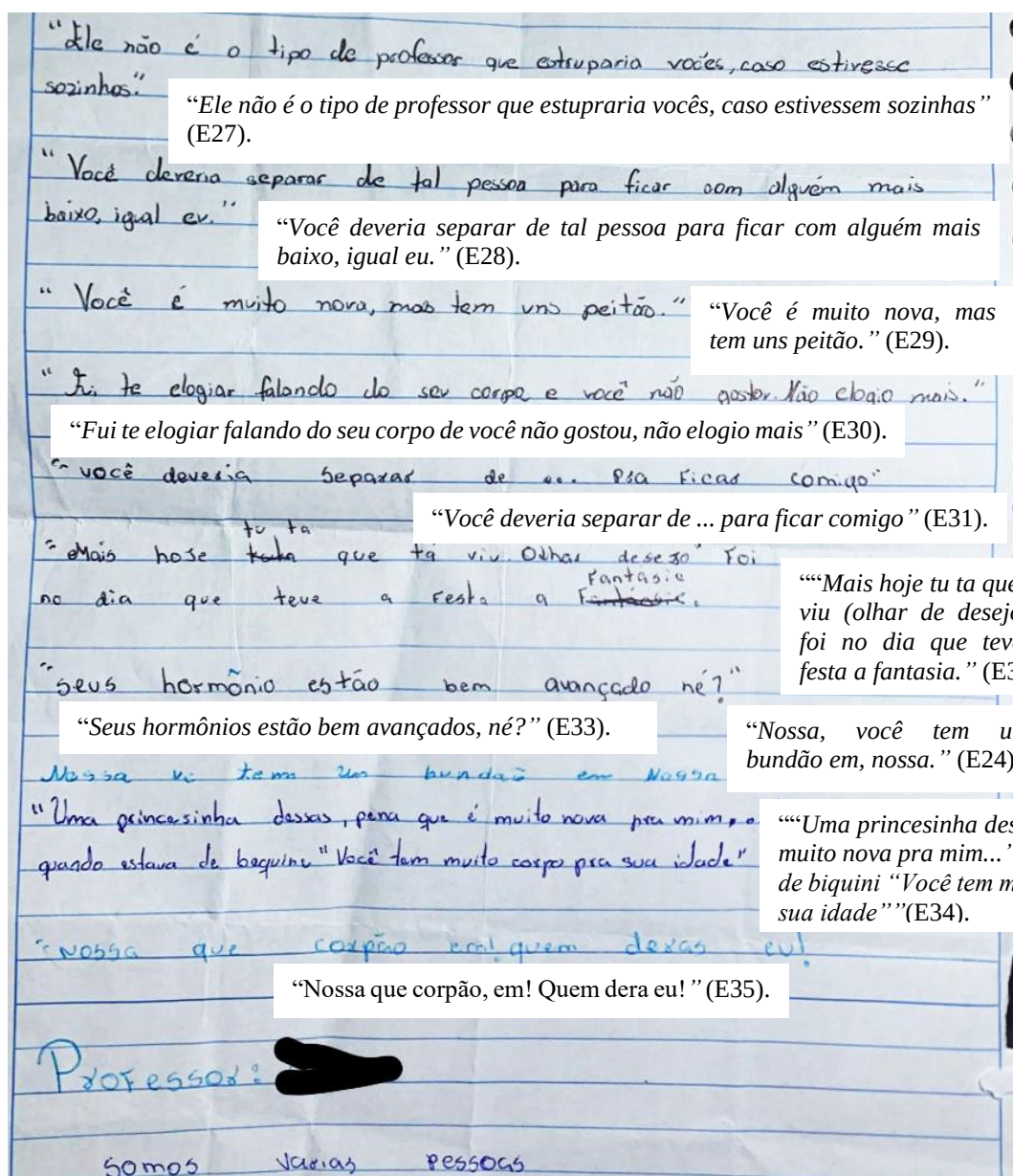
8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

O professor falou coisas desagradáveis, eu e minhas colegas fomos para a diretoria e não adiantou nada

“O professor falou coisas desagradáveis. Eu e minhas colegas falamos para a diretora e não adiantou nada” (E26).

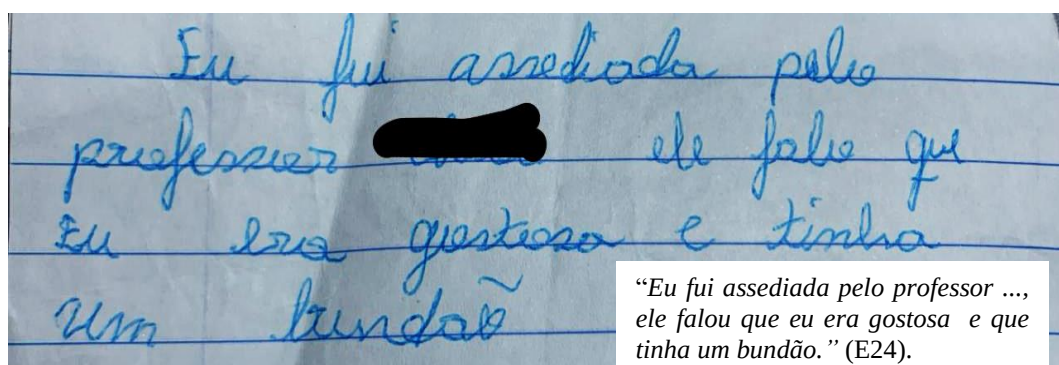
Fonte: própria autora (2023).

Figura 39. Relatos dos estudantes E29, E27, E28, E29, E30, E31, E32, E33, E34 e E35 sobre violência sexual praticada por professor



Fonte: própria autora (2023).

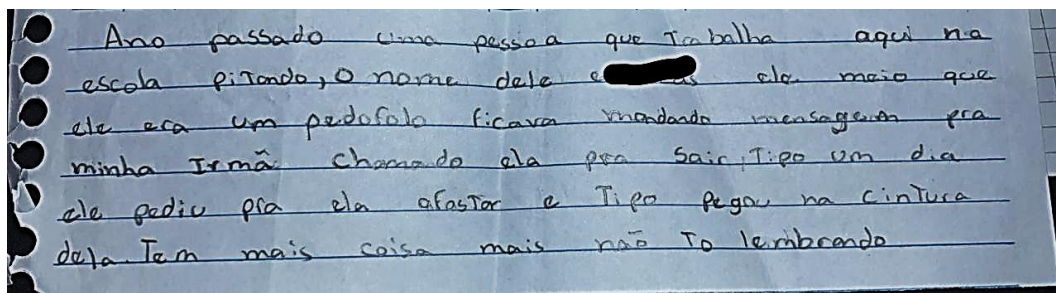
Figura 40. Relato de estudante sobre violência sexual praticada por professor



Fonte: própria autora (2023).

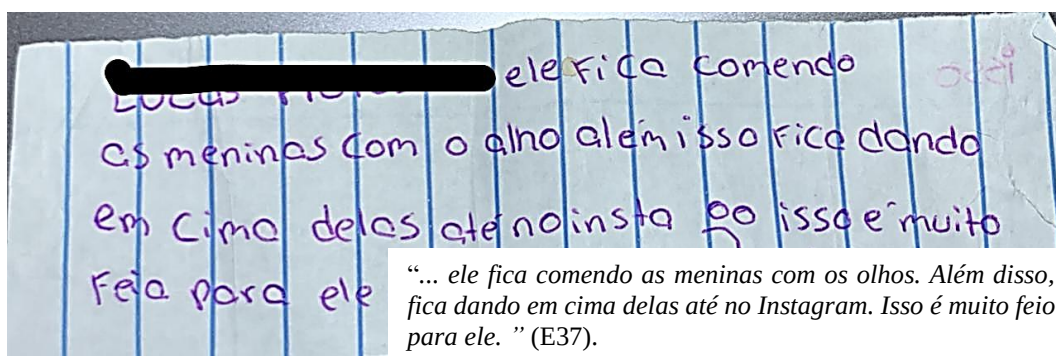
Figura 41. Relato do estudante E36 sobre violência sexual cometida por um funcionário

“Ano passado uma pessoa que trabalha aqui na escola pintando, o nome dele é ..., ele meio que era um pedófilo. Ficava mandando mensagens para minha irmã chamando ela para sair. Tipo, um dia ele pediu para ela afastar e tipo, pegou na cintura dela. Tem mais coisa, mas não estou lembrando.” (E36).



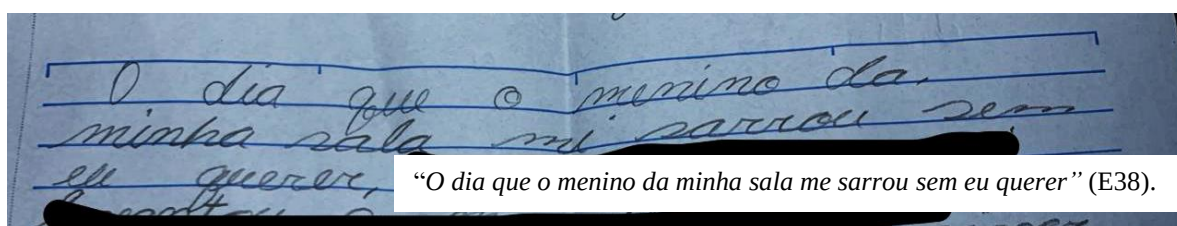
Fonte: própria autora (2023).

Figura 42. Relato do estudante E37 sobre violência sexual cometida por um funcionário



Fonte: própria autora (2023).

Figura 43. Relato do estudante E38 sobre violência sexual cometida por um colega de turma



Fonte: própria autora (2023).

As narrativas são alarmantes e despertam revolta, não só pela covardia da objetificação dos corpos infantis que estão em desenvolvimento, mas também pela falta de caráter dos abusadores como membros de uma instituição que, segundo De Oliveira, Da Silva e Maio (2020), deveria ser um lugar seguro para o reconhecimento e debate sobre violência sexual. Para os autores, é dever da escola proteger os jovens contra esse tipo de violência, situando-os sobre o tema e promovendo ações que confirmem autonomia para que os estudantes denunciem casos de abuso. No entanto, nesse cenário, como os alunos farão isso se o ambiente responsável por instruir é o mesmo que executa, aceita e “naturaliza” tais ações?

Em seu Regimento Escolar (RE), na seção V, artigo 247, onde são atribuídas proibições aos membros servidores da instituição, têm-se dois parágrafos que expressam como a escola não cumpre com a própria palavra: o primeiro parágrafo proíbe “Faltar com respeito à dignidade do aluno”, enquanto o segundo proíbe “Usar palavras de “baixo calão” e “gírias”, e expressar-se por meio de sinais pornográficos” (REGIMENTO ESCOLAR, 2017, p. 132). Ao comentar sobre os corpos das estudantes, os agressores não só violaram um, como os dois parágrafos citados e qual foi a punição atribuída a eles? Segundo os relatos das estudantes, nenhuma, visto que mesmo após a denúncia, as importunações sexuais continuaram. Tal situação nos faz questionar se a escola é de fato um lugar democrático ou se as punições são aplicadas apenas quando os alunos estão na posição de infratores.

Para além da violência sexual escancarada, os relatos das estudantes revelam também a violência por negligência. Ao serem notificados sobre as manifestações de assédio e importunação sexual, a direção e outros funcionários se mostraram omissos frente às queixas das alunas. A omissão, nesse sentido, se torna uma prática comum nas escolas, especialmente nos casos em que o agressor é um colega de trabalho. Para Vagliat (2014) essas ocorrências de importunação sexual se configuram como uma violação dos direitos básicos do indivíduo e são passíveis de punição legal para o agressor e para o omissor, cabendo à escola denunciar para os órgãos competentes quando detectarem vítimas de abuso sexual. No entanto, como os alunos vão sentir-se seguros para notificar a escola em casos de abuso, ocorridos no ambiente escolar ou não, se os membros da própria instituição são displicentes e optam por preservar o agressor e condenar a vítima?

Uma busca em periódicos evidencia como a violência sexual é corriqueiramente cometida por membros da família, pessoas próximas a ela ou então pessoas de confiança da vítima, além de como o trauma prejudica o rendimento escolar, sendo o professor um dos primeiros a notar as mudanças comportamentais de um estudante vítima de violência sexual. No entanto, nesse caso, como o estudante deve se portar se as pessoas em quem ele poderia confiar fazem parte do ciclo de convívio do agressor e, por também terem uma posição de poder dentro da escola, se isentarão da responsabilidade de prestar queixas contra o mesmo? Nesse cenário, os alunos vítimas ficam desamparados, coagidos e susceptíveis a desenvolver transtornos como depressão, ansiedade, síndrome do pânico, entre outras questões que podem os levar a danos irreparáveis, como tirar a própria vida (VIODRES INOUE; RISTUM, 2008; SOUSA *et al.*, 2020; RAMOS *et al.*, 2021; DE JESUS SANTOS; LIMA, 2023).

Os casos de violência sexual contra crianças e adolescentes são preocupantemente comuns no Brasil devido à fragilidade do sistema legal do país, bem como por questões culturais, já que desde um passado remoto, se intensificando com o capitalismo, os corpos femininos têm sido tratados apenas como objetos consumíveis. Seja dentro de casa, na rua, nos hospitais, e em qualquer outro lugar, as vítimas de violência sexual, especialmente as meninas e mulheres, não se sentem seguras, portanto existe a necessidade de que a escola seja um ambiente de fato acolhedor, onde as crianças e adolescentes possam aprender que alguém violar o seu corpo é errado e que ali você encontra ajuda (DE OLIVEIRA; DA SILVA; MAIO, 2020).

5.5 Categoria 4 - Violência exógena

Na presente categoria buscou-se relatar as violências exógenas à escola, ou seja, aquelas ocorridas em casa, na rua ou outros ambientes que não o escolar. Nesse sentido, na somatória dos dados, em 11 questionários e cinco relatos anônimos, foi possível identificar: nove questionários que alegavam violência fora a escola, mas sem descrição dos atos violentos; três relatos de violência sexual cometidas por familiares (Figuras 44, 45 e 46); três relatos sobre violência contra a mulher (Figuras 47, 48 e 49); e dois relatos de violência física contra idosos (Figuras 50 e 51).

Figura 44. Relato do estudante E39 sobre violência sexual intrafamiliar

8. Relate aqui alguma(s) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

Meu padrasto que passou a mão no meu corpo e meu tio também teve muito medo e não quis contar para ninguém.

“Meu padrasto que passou a mão no meu corpo e meu tio também. Tive muito medo e não quis contar para ninguém.” (E39).

Fonte: própria autora (2023).

“Eu fui molestada e o que foi mais difícil para mim foi contar para a minha mãe, que é a minha madrasta, e o meu pai. Isso aconteceu depois que minha mãe faleceu, foi ela e minha tia que faleceram de COVID-19.” (E40).

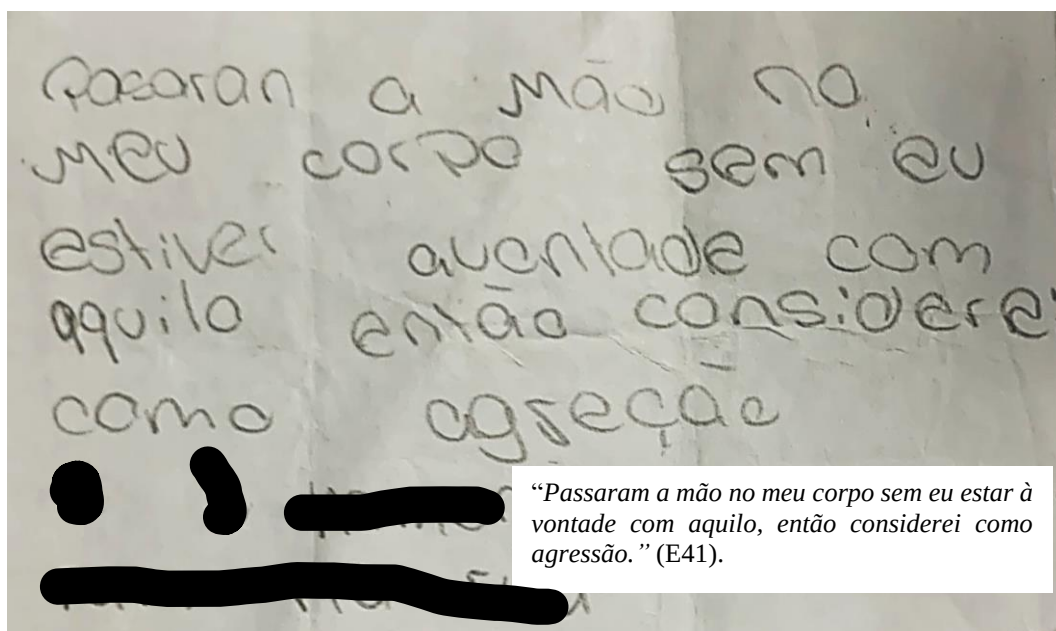
Figura 45. Relato do estudante E40 sobre violência sexual intrafamiliar

8. Relate aqui alguma(s) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

Eu fui molestada e o que foi mais difícil para mim foi contar para minha mãe que é a minha madrasta e o meu pai e isso aconteceu depois que a minha mãe faleceu foi ela e minha tia que faleceram de covid-19 e aconteceu isso.

Fonte: própria autora (2023).

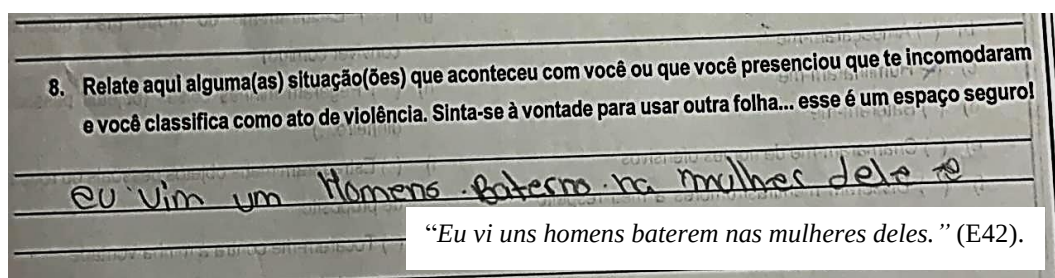
Figura 46. Relato do estudante E41 sobre violência sexual intrafamiliar



Fonte: própria autora (2023).

Como apresentado no tópico anterior, a violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno social que tem como principais vítimas os indivíduos do gênero feminino. Quando cometidas no cenário intrafamiliar, as motivações do agressor se dão sempre pelo exercício do poder, das diferenças de idades e maturidade psicológica dos envolvidos, no sentido de que o agressor utiliza das vantagens de ser mais velho e mais “maduro” para abusar da vítima, comprometendo seu crescimento e desenvolvimento (RIBEIRO; FERRIANI; REIS, 2004).

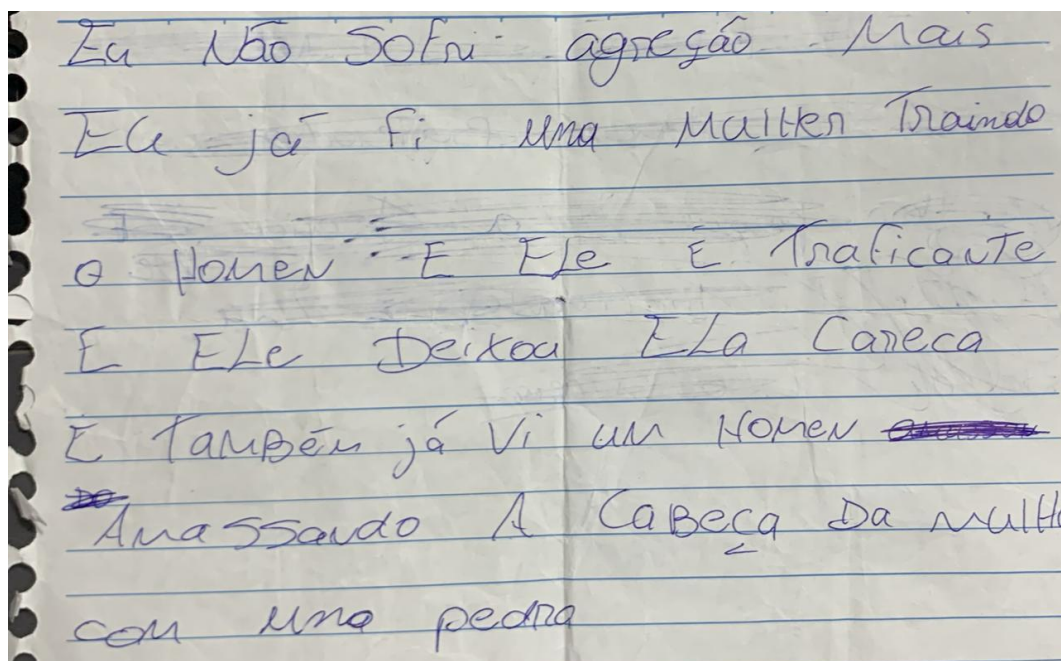
Figura 47. Relato do estudante E42 sobre violência contra a mulher



Fonte: própria autora (2023).

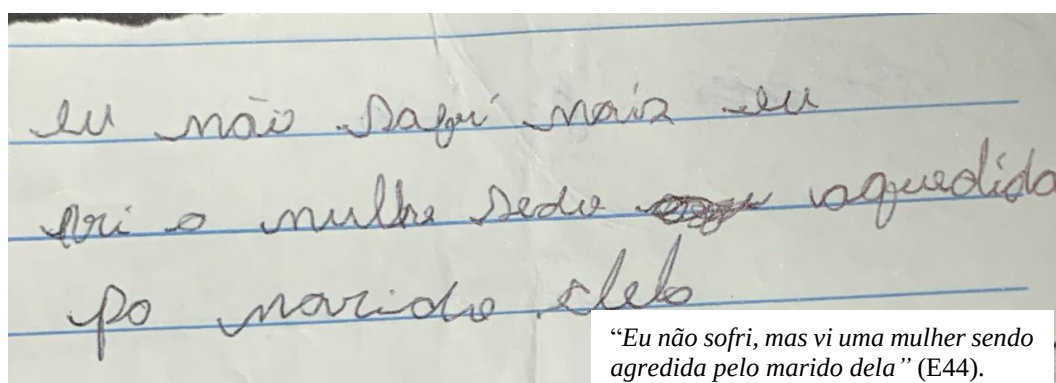
Figura 48. Relato do estudante E43 sobre violência contra a mulher

“Eu não sofri agressão, mas eu já vi uma mulher traindo o homem, ele é traficante e deixou ela careca. Também já vi um homem amassando a cabeça da mulher com uma pedra.” (E43).



Fonte: própria autora (2023).

Figura 49. Relato do estudante E44 sobre violência contra a mulher



“Eu não sofri, mas vi uma mulher sendo agredida pelo marido dela” (E44).

Fonte: própria autora (2023).

Violência contra a mulher é um tópico sempre presente nas mídias, visto que a mulher ainda é representada como o sexo frágil, obrigatoriamente submissa e menos capaz que os homens, inferior no mercado de trabalho, etc. Essas são discussões que existem desde as sociedades mais antigas, assim como as discussões de luta por igualdade e valorização da mulher pelos movimentos feministas do século XX. No entanto, ainda na sociedade contemporânea, é comum o ódio gratuito pelo gênero feminino, assim como a normalização de agredir, estuprar e matar mulheres apenas por serem mulheres. Portanto, essas manifestações violentas de naturezas distintas para com as mulheres devem ser debatidas nas instituições de ensino, com o intuito de que a normalização da crueldade com o feminino seja desbancada e

relatos como os dos estudantes supracitados deixem de ocorrer (BLAY, 2003; WERNECK & LEITE, 2018).

Figura 50. Relato do estudante E45 sobre violência contra idosos

“Um dia estava no ponto de ônibus e tinha um garoto, parecia ter 15 ou 16 anos. Ele estava com um velho. Teve uma hora que o menino estava agredindo o velhinho, jogando latinha nele, chutando. Daí uns meninos foram ver o que estava acontecendo e o menino percebeu que os outros garotos foram lá, aí ele correu atrás dos meninos e quase que bate neles também.” (E45).

e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra cor.

Um dia estava no ponto de ônibus, e tinha um garoto, parecia ter 15 ou 16 anos, e ele estava com um velho, ele parecia estar muito drogado, quanto ele é o velho, ~~teve~~ ^{um} ~~foi~~ ^{que} o menino estava agredindo o velhinho jogando latinha nele, chutando, daí uns meninos foram lá, aí o que estava acontecendo, então o menino percebeu que os outros garotos que foram lá ver, o menino correu atrás dele, quase que o menino iria bater neles também.

Fonte: própria autora (2023).

Figura 51. Relato do estudante E46 sobre violência contra idosos

vi um garoto parecia ter 15, 16 anos
Bater em um velhinho, eles dois estavam muito drogados. O garoto jogou latinha nele, chutou. e ele queria bater nos outros meninos que estavam lá.

BUSCO

“Vi um garoto, parecia ter 15 ou 16 anos, bater em um velhinho. Eles dois estavam muito drogados. O garoto jogou latinha nele, chutou. E ele queria bater nos outros que estavam lá” (E46).

Fonte: própria autora (2023).

Assim como as mulheres, a violência contra idosos também ocupa pautas relevantes na mídia. Sejam elas violências físicas ou por negligência e privação, as pessoas de maior idade também são alvos fáceis e, em muitos casos, tais ações são normalizadas pela sociedade pela visão desumanizada e preconceituosa que se tem dos idosos, qual seja, a de que já estão na “fase final” da vida e não merecem ser tratados com respeito, empatia e cuidado (MINAYO, 2003).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho buscamos caracterizar as percepções dos estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais de uma escola do interior de Minas Gerais, especialmente os alunos do 6º e 9º ano, sobre as diferentes manifestações de violência, tanto dentro como fora da escola. Nesse sentido, coletamos narrativas dos estudantes referente a essas manifestações de violência através de um questionário individual e anônimo, bem como relatos anônimos depositados em uma urna. Ambos os instrumentos se mostraram bem eficientes, possibilitando que coletássemos narrativas interessantes e surpreendentes sobre o fenômeno multifacetado da violência escolar. As narrativas dos alunos trouxeram uma nova perspectiva sobre a violência nas instituições de ensino, principalmente por mudarem minha visão sobre os agressores, que normalmente são os estudantes, e me compadecendo com as reais vítimas, nesse caso, os alunos da instituição.

Evidenciou-se, através das análises, que as violências estão enraizadas no ambiente escolar, promovendo práticas não-saudáveis de interações sociais nas instituições de ensino que, em teoria, deveriam ser as principais responsáveis pela inclusão, pelo desenvolvimento humanizado, crítico e justo dos estudantes. Nesse sentido, compreendemos que as naturezas da violência se manifestam de formas diferentes de acordo com a idade e nível de desenvolvimento de cada estudante. Por exemplo, nos relatos dos alunos do 6º ano, que possuem faixa etária entre 10 e 11 anos, a violência psicológica teve destaque, visto que os indivíduos nessa idade, começam a entrar na puberdade e as mudanças hormonais os conferem características físicas que servem de munição para os apelidos e as provocações. Além disso, o fato de estarem em um novo ciclo de aprendizagem acaba por despertar a curiosidade e nem sempre as amigas antigas acompanham, daí vem os isolamentos e as trocas de grupos. Já para os estudantes do 9º ano, cuja média de idade é 14 anos, a violência sexual se fez mais presente, principalmente em relação às meninas, pois seus corpos, nesta idade, geralmente já estão bem desenvolvidos e, por causa da puberdade, algumas desenvolvem mais as regiões dos seios e glúteos, que são extremamente sexualizados no contexto social em que vivemos. Além disso, para os meninos, a violência física se sobressai, principalmente por ser o momento em que os hormônios masculinos estão a flor da pele e o controle da impulsividade é menos presente. Nesse sentido, a violência na escola prevalece, provavelmente pelo desenvolvimento biopsicossocial dos estudantes.

Em contrapartida, a violência da escola, em seu caráter institucional, não se mostrou muito presente nas narrativas dos estudantes. Os assédios sexuais e morais, bem como o abuso de poder devido ao nível hierárquico se destacaram como manifestações violentas por parte dos membros da escola, mais especificamente, os professores. No entanto, as violências puramente institucionais, como por exemplo, a separação dos estudantes em turmas por nível de conhecimento, alteração das notas como formas de punição, ou quaisquer outras manifestações que Priotto e Boneti (2009) configuram nessa categoria, não foram registradas pelos estudantes em seus questionários ou nos relatos deixados na caixa anônima, mesmo que, durante nossas observações, essas práticas fossem muito comuns.

Por parte dos gestores, a negligência e omissão frente às queixas dos estudantes também se configuram como violência da escola, e vão ao encontro do que é previsto em artigos do ECA, especialmente, nos Art. 5., que ressalta que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência ou violência, Art. 53., que lhes garante o direito de serem respeitados por seus educadores, e Art. 71-B. que garante:

As entidades, públicas e privadas, que atuem nas áreas a que se refere o art. 71., dentre outras, devem contar, em seus quadros, com pessoas capacitadas a reconhecer e comunicar ao Conselho Tutelar suspeitas ou casos de maus-tratos praticados contra crianças e adolescentes (BRASIL, 2021, p. 48).

Nesse sentido, Moreira (2016) considera que, ao omitir casos de abuso sexual praticados por pessoas da escola ou fora dela, a instituição não só age contra a lei, como contribui para a perpetuação da violência contra meninas e mulheres, naturalizando, ainda mais, a desigualdade de gênero presente em nossa sociedade.

Além disso, a falta de relatos sobre as violências mais sutis, sugerem o quanto os estudantes são despreparados para enxergar as manifestações de violência na escola, e, principalmente, não entendem que a violência vai muito além de palavras que magoam, agressões que deixam marcas pelo corpo e olhares de desejo. Inicialmente, esse era o cenário em que a escola se encontrava, no entanto, durante a atividade pedagógica desenvolvida com os alunos da instituição de ensino, desde a intervenção para coleta dos relatos à elaboração dos produtos finais, foi notório como parte dos alunos realmente aprendeu sobre o assunto. Eles saíram de um “lugar” em que não entendiam o que era a violência e não conseguiam se identificar como vítimas, para um outro “lugar” no qual eles compreenderam que as ações que se desdobravam naquele ambiente não eram normais, saudáveis ou justificáveis, e que eles tinham suporte fora daquele ambiente.

Apesar dos bons frutos colhidos com a atividade, encontramos muitas dificuldades durante a realização da proposta. Cito o fato de estarmos ali na escola como residentes e não professoras efetivas como o primeiro empecilho para realizarmos um trabalho mais efetivo. Nossa presença não era aclamada por todos da instituição, então nossa voz não era ouvida da forma como deveria, e isso impossibilitou que denunciássemos as manifestações de violências observadas naquele ambiente para os devidos órgãos que encaminhariam as questões perante a lei. No entanto, como futuras professoras, coube a nós instruímos os estudantes pedagogicamente para que eles pudessem desenvolver a autonomia e buscar a ajuda necessária. Frente ao exposto, acreditamos que a violência *da* escola merece um destaque maior nas pesquisas atuais, principalmente porque os estudantes sofrem severamente com as ações violentas da instituição e, em muitos casos, não são capazes de entender e se colocar no papel de vítimas.

Nesse cenário de desconhecimento, os estudantes depositam toda a culpa das palavras agressivas, das agressões físicas e dos assédios em si mesmos, na forma como são, em suas características físicas, sociais, comportamentais, emocionais e intelectuais, sofrendo para deixarem de ser alvos da violência escolar, quando, na verdade, deveria ser o contrário. A escola deveria se posicionar contra qualquer tipo de preconceito, discriminação, abusos e importunações, especialmente as de cunho sexual, a fim de que cumpra seu papel como espaço e inclusão e aprendizado. Além disso, a escola precisa rever suas políticas e regras para que agressores não passem impunes por seus atos e as vítimas sejam respaldadas como devem.

Por último, sinalizo a importância do Programa Residência Pedagógica na condução desta SD, a partir do entendimento de que seria possível desenvolver atividades pedagógicas que trouxessem uma discussão sobre o tema. Por meio de estratégias pedagógicas diferenciadas, como o estudo de casos e a caixa anônima, foi possível abordar uma temática sensível como a da violência escolar, tornando o Ensino de Ciências verdadeiramente comprometido com uma escola inclusiva e cidadã.

7 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2005. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000145265>. Acesso em: 01 jun. 2024.

ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000128717>. Acesso em: 01 jun. 2024.

ABRAMOVAY, M; RUAS, M. D. G. **Violência nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133967> por. Acesso em: 0 jun. 2024.

ALCANTARA, S. C.; *et al.* Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 509-522, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2019.v24n2/509-522/pt/#>. Acesso em: 18 jun. 2024.

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos De Pesquisa**, v. 77, p. 53–61, 1991. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1042>. Acesso em: 18 jun. 2024.

AZEVEDO, J. P. R. O desenvolvimento moral sob a Teoria Piagetiana: concepções de furto no Ensino Fundamental. **Colloquium Humanarum**, v. 14, n. Especial, p. 553-558, 2017. Disponível em: <https://www.unoeste.br/site/enepe/2017/suplementos/area/Humanarum/4%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o/O%20DESENVOLVIMENTO%20MORAL%20SOB%20A%20TEORIA%20PIAGETIANA%20CONCEP%C3%87%C3%95ES%20DE%20FURTO%20NO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa_edicoes_70_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

BEZERRA, S. D. C. Estatuto da Criança e do Adolescente: marco da proteção integral. In: LIMA, C. A. D. **Violência faz mal à saúde**, 1. ed. Brasília: Editora MS, 2006, p. 17-23. Disponível em: <https://ftp.medicina.ufmg.br/paraelas/Downloads/violenciafazmalasaude.pdf#page=17>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BLAY, E. A. Violência contra a mulher e políticas públicas. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 87-98, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ryqNRHj843kKKHjLkgrms9k/?format=html#>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BRASIL, Lei nº 2.848, de 07 de Dezembro de 1940. Constitui crime contra a ordem econômica. Brasília, DF: Casa Civil, 1940. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10619836/artigo-155-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CECILIO, A. N. M.; DE ÀVILA, G. N.. O fenômeno do aumento de índices de violência doméstica em período pandêmico e as políticas públicas como garantia dos direitos da personalidade da vítima. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, n. 53, p. 272-291, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revfacdir/article/view/113546>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, n. 8, p. 432-443, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CNN BRASIL. Brasil registra 9 ataques em escolas neste ano e atinge patamar recorde; relembre casos. **Cable News Network - CNN Brasil**, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registra-9-ataques-em-escolas-neste-ano-e-atinge-patamar-recorde-relembre-casos/>. Acesso em: 01 jun. 2024.

DE AZEVEDO, M. M. O Código Mello Mattos e seus reflexos na legislação posterior. 2007. Disponível em: https://portaltj.tjrj.jus.br/documents/10136/30354/codigo_mello_mattos_seus_reflexos.pdf. Acesso em: 01 jun. 2024.

DE JESUS SANTOS, M.; LIMA, A. J. A. Violência Sexual na escola: prevalência e fatores associados em adolescentes do Ensino Médio. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 15, n. 45, p. 682-699, 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/2205>. Acesso em: 18 jun. 2024.

DE OLIVEIRA, M.; DA SILVA, F. G. O.; MAIO, E. R.. Violência sexual contra crianças e adolescentes: a escola como canal de proteção e denúncia. **Perspectiva**, v. 38, n. 4, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/65526>. Acesso em: 18 jun. 2024.

DEBARBIEUX, E. "Violência nas escolas": divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, Eric *et al.* (org.). **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília: Unesco, 2002. p. 59-92. Disponível em: <https://www.precog.com.br/bc-texto/obras/ue000092.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

DISTRITO FEDERAL. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Tribunal de Justiça (org.). **Furto e Roubo**. 2016. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/furto-e-roubo>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FERNANDES, G. W. R.; ALLAIN, L. R.; DIAS, I. R.. O Estudo de Casos ou Casos de Ensino de Ciências. In: FERNANDES, G. W. R.; ALLAIN, L. R.; DIAS, I. R. Metodologias e

Abordagens Diferenciadas em Ensino de Ciências. São Paulo: Livraria da Física, 2022. Cap. 11. p. 253-270.

FERRAZ, R. C. S. N.; RISTUM, M. A violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem. **Psicologia da Educação**, n. 34, p. 104-126, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/28045>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FLICK, U. Pesquisa qualitativa e quantitativa. In: FLICK, W. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 272.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico-um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37419208.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FREIRE, K. B. A.; *et al.* Sentimentos de adolescentes vítimas de violência escolar. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS**, v. 8, n. 1, p. 89-94, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/2602>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FRELLER, C. C. Moralidade, ética e inclusão escolar: furtos na escola. **Estilos da Clínica**, v. 6, n. 11, p. 33-46, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60948>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FURLONG, M.; MORRISON, G.. The school in school violence: Definitions and facts. **Journal of Emotional and Behavioral Disorders**, v. 8, n. 2, p. 71-82, 2000. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/106342660000800203?casa_token=CzKFz_-EyyUAAAAA:SW4pZAqrioyxu4LzLecJkUHDZOjK-A2RMqKv7X4ZR5rJHvjK53qZujcWDJUcqo0gQsIhn9YEKXmRkA. Acesso em: 01 jun. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

GOMES, L. E. S.; *et al.* Os efeitos da violência escolar na saúde mental infanto-juvenil. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 16, n. 10, p. 23908-23933, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2480>. Acesso em 18 jun. 2024.

GOMES, M. d. F. C.; MORTIMER, E. F.. Histórias sociais e singulares de inclusão: exclusão na aula de química. **Cadernos de pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 237-266, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/JtY6GqGFw4Zf3XYbm5Lg7Pd/#>. Acesso em: 18 jun. 2024.

GUIMARÃES, N. M.; PASIAN, S. R.. Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 1, p. 89-97, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/cJmcCKpmdgd5NpdFthjNwys/?format=html#>. Acesso em: 18 jun. 2024.

HAYASHIDA, S.; SANTOS, S. P. A temática violência no ensino de ciências: Levantamento nos anais dos encontros nacionais de pesquisa em educação em ciências-ENPEC (2011-2021). 2023. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/37938>. Acesso em: 18 jun. 2024.

HORNBLAS, D. S. Bullying na escola: como crianças lidam e reagem diante de apelidos pejorativos. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/16582>. Acesso em: 18 jun. 2024.

KRUG, E. G.; *et al.* ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

LANGANI, B. **Raio X: De 20 anos de ataques a Escolas no Brasil: 2002 – 2023**. Instituto Sou da Paz, São Paulo, v. 1, ed. 1, p. 1-21, maio 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/o-que-fazemos/conhecer/pesquisas/control-de-armas/as-armas-do-crime/?show=documentos#9574-1>. Acesso em: 01 jun. 2024.

LARA, A.; *et al.* Combate ao abuso e à exploração sexual infantil: o que nós podemos fazer para combater?. **UNICEF**, 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/blog/combate-ao-abuso-e-a-exploracao-sexual-infantil>. Acesso em: 01 jun. 2024.

LEAL, B. E. S.; *et al.* 10A001 O tema violência na formação de professores de Ciências: uma proposta inovadora como jogo de tabuleiro. **Tecné, Episteme y Didaxis: TED**, p. 1-7, 2018. Disponível em: <http://repository.pedagogica.edu.co/handle/20.500.12209/16177>. Acesso em: 18 jun. 2024.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggGZCjttLZBZYtVq/#>. Acesso em: 01 jun. 2024.

MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37418106.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

MINAYO, M. C. S. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 3, p. 783-791, 2003. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v19n3/15881.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

MOREIRA, F. M. Violência de gênero na escola: abuso/assédio sexual e relações de poder. 2016. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gênero e Diversidade da Escola) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173809/TCC_FlaviaMaiaMoreira.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 jun. 2024.

NASCIMENTO, A. M. T.; MENEZES, J. A. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 142-151, 2013.

Disponível on: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zQsHtg63hbg6WQQhF67mKGt/?format=pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PIAUÍ. MINISTÉRIO PÚBLICO. **Prevenir, Identificar e Combater**: violência sexual contra crianças e adolescentes. Violência sexual contra crianças e adolescentes. 2021. Apoio do Centro de Apoio Operacional de Defesa da Infância e da Juventude. Disponível em: <https://www.mppi.mp.br/internet/wp-content/uploads/2021/06/Cartilha-MPPI-Violencia-Sexual.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PRIBERAM, Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Lello Editores, 2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/viol%C3%Aancia>. Acesso em: 01 jun. 2024.

PRIOTTO, E. M. T. P. Violência escolar: um problema social, real e emergente. **Tempo da Ciência**, v. 19, n. 38, p. 121-144, 2012. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/9692>. Acesso em: 01 jun. 2024.

PRIOTTO, E. P.; BONETI, L. W. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 26, p. 161-179, 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2009000100012&script=sci_abstract&tlng=fr. Acesso em: 01 jun. 2024.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2020.

PRUDENTE, A. B. **A violência escolar no Brasil: conceito, expressões e alguns determinantes**. São Cristóvão, SE, 2017. Monografia (Bacharelado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/9422>. Acesso em: 01 jun. 2024.

RAMOS, L. S.; *et al.* A escola promovendo conhecimento corporal como fortalecimento de políticas de saúde: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. 1-7, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ivc.br/handle/123456789/1381>. Acesso em: 18 jun. 2024.

REGIMENTO ESCOLAR. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2017.

RIBEIRO, M. A.; FERRIANI, M. G. C.; REIS, J. N. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 2, p. 456-464, 2004. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v20n2/13.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

SANTA CATARINA. Poder Judiciário. ECA 30 ANOS – Construção Histórica do Estatuto. 2024. Disponível em: <https://www.tjsc.jus.br/web/infancia-e-juventude/coordenadoria-estadual-da-infancia-e-da-juventude/campanhas/eca-30-anos/construcao-historica-do-estatuto>. Acesso em: 01 jun. 2024.

SCHERER, E. A.; *et al.* Violência psicológica vivenciada por estudantes do ensino médio. **Psicologia para América Latina**, n. 29, p. 160-173, 2017. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2017000300011&script=sci_arttext. Acesso em: 18 jun. 2024.

SILVA, D. **Carnaval + Cidadania**: saiba diferenciar estupro, assédio e importunação sexual e como denunciar. saiba diferenciar estupro, assédio e importunação sexual e como denunciar. 2023. Tribunal de Justiça do Piauí - Poder Judiciário do Estado do Piauí. Disponível em: <https://www.tjpi.jus.br/portaltjpi/tjpi/noticias-tjpi/carnaval-cidadania-saiba-diferenciar-estupro-assedio-e-importunacao-sexual-e-como-denunciar/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SILVA, G. E. C.; RESENDE, G. D. A. Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: Uma Revisão de Literatura Pós-estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, v. 16, n. 1, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1562>. Acesso em: 01 jun. 2024.

SILVA, M. D.; SILVA, A. G. D.; DINIZ, J. E. O ECA e a violência na sala de aula: vulnerabilidade da escola brasileira. **Perspectiva**, v. 33, n. 2, p. 789-803, 2015. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-54732015000200789&script=sci_abstract. Acesso em: 01 jun. 2024.

SOUSA, C. M. S.; *et al.* Ideação suicida e fatores associados entre escolares adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 33, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/4nWHhmPNt9Zz9y8X49ZW5xc/?lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SPÓSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/pbFRcymkHxFPkK7VkkMwXNQ/?lang=pt#>. Acesso em: 01 jun. 2024.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em psicologia**, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751435005.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

VAGLIATI, A. C. Gritos do silêncio: o professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar. 2014. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2014. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/961>. Acesso em: 18 jun. 2024.

VIEIRA, M. E. D. S. S. Violência simbólica: apelido pejorativo. 2010. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, 2010. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/13418>. Acesso em: 18 jun. 2024.

VIODRES INOUE, S. R.; RISTUM, M. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, n. 1, p. 11-21, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Ryhzyvgk9jn3VK9brXPZLDDp/>. Acesso em 18 jun. 2024.

WERNECK, G. C.; LEITE, P. S. C. Contribuições para discutir na escola a violência contra as mulheres: os quadrinhos de Henfil e a formação do leitor crítico. **Revista NUPEM**, v. 10, n.

19, p. 80-95, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5554>. Acesso em: 18 jun. 2024.

8 APÊNDICES E ANEXOS

8.1 Apêndice A – Questionário aplicado aos estudantes

Ministério da Educação

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Projeto Residência Pedagógica – Subprojeto Biologia

Vamos conversar sobre Violência?

O presente questionário é um objeto de estudo para coletar dados sobre as taxas de violência nas escolas. Todas as informações apresentadas aqui serão mantidas em sigilo, portanto, sejam sinceros, este documento é um Lugar Seguro!

Dados pessoais:

1. **Turma:** () 6º ano () 7º ano () 8º ano () 9º ano
2. **Idade:** () 11 anos () 12 anos () 13 anos () 14 anos () 15 anos () Outro: _____
3. **Gênero:** () Feminino () Masculino () Outro: _____

Relação com a escola:

1. **Você gosta da escola?**
a) () sim b) () não
2. **Você se sente seguro na escola?**
a) () sim b) () não
3. **Você gosta das pessoas da sua turma?**
a) () sim b) () não
4. **Você gosta dos seus professores?**
a) () sim b) () não

Sobre você:

1. **Você já foi vítima de alguma dessas situações por parte de colegas ou professores dentro e fora da escola?**
a) () Empurraram-me com violência c) () Humilharam-me
b) () Ameaçaram-me d) () Bateram-me

- e) () Chamaram-me de nomes ofensivos
f) () Disseram mentiras/rumores a meu respeito (disseram coisas ruins sobre mim e minha família)
g) () Excluíram-me do grupo (não quiseram conviver comigo)
() Outras agressões ou perseguições: _____
- h) () Pegaram minhas coisas (objetos pessoais, dinheiro...)
i) () Estragaram meus objetos pessoais ou roupas, de propósito
j) () Tocaram-me contra a minha vontade

2. Quais atitudes você tomou em relação a essas situações?

- a) () Não fiz nada e me afastei
b) () Fugi/tive medo
c) () Chamei por um adulto
() Outro: _____
- d) () Pedi ao agressor para parar
e) () Conteí para alguém
f) () revidei a agressão

3. Em qual local/locais ocorreram tais situações?

- a) () Sala de aula
b) () Espaços de recreio
c) () Corredores e escadas
d) () Refeitório / bar
() Outro local: _____
- e) () Espaços de educação física
f) () Banheiro
g) () Fora da escola

4. Alguém presenciou essas situações?

- a) () sim
b) () não

5. Se sim, quem?

- a) () Colega
b) () Professor
c) () Diretor
() Outro: _____

6. Essas pessoas tomaram alguma atitude sobre a situação?

- a) () Não fizeram nada
b) () Fugiram/tiveram medo
c) () Chamaram um adulto
d) () Pediram ao agressor para parar
e) () Apenas observaram
- f) () Apoiaram o agressor
g) () Riram da situação
h) () Apoiaram-me

() Outro: _____

7. Como você se sentiu quando isso aconteceu?

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

8.2 Apêndice B – Estudo de Caso (6º ano)

Estudo de caso: Por que ficam zombando de mim?

Renan tem 11 anos e, em sua antiga escola, tinha muitos amigos e era muito querido por todos. Recentemente, Renan entrou em uma nova escola e achou que faria muito amigos também. Poucos dias após ter entrado na nova escola, Renan chegava em casa muito triste, sem vontade de voltar para a escola no dia seguinte e a mãe, notando a mudança de comportamento do filho, não sabia o que estava acontecendo, pois Renan sempre foi muito estudioso e não perdia um dia de aula. Notando a tristeza do filho, a mãe resolveu conversar com ele:

— Meu filho, por que está chorando e ficando só no quarto?

— Mãe, não quero falar sobre isso.

— Filho, se você não contar, não vamos conseguir resolver, conte para mim que irei te apoiar. Tem algo acontecendo na escola?

— Tem, mãe! Então, durante a última semana passei por algumas situações na escola. As pessoas são muito falsas, meus colegas de turma zombaram das minhas roupas, cor de pele, do meu cabelo e vários professores disseram que eu não tenho futuro porque moro aqui na roça.

Renan realmente estava muito chateado e sem saber o que fazer, a mãe muito preocupada com o filho percebendo toda a situação resolveu ir até a escola. No dia seguinte, chegando na escola foi direto para a Diretoria, onde teve uma conversa com diretor e disse:

— Meu filho anda bem triste com todo Bullying que vem sofrendo na escola, os seus colegas o chamam de macaco, cabelo duro, caçoam de sua fala e seu modo de vestir. Além disso, o meu filho não está mais querendo vir para escola, porque alguns professores estão falando em sala de aula que os alunos não irão ser nada na vida!

— Dona Maria, eu não sabia que seu filho vinha sofrendo tanta coisa na Escola!

— Como assim diretor Marcelo? O senhor não sabia de tudo que meu filho vem passando?

— Dona Maria eu irei conversar com os alunos e professores da escola e mostrar para eles os malefícios das violências e do Bullying, para que todos saibam.

Então o diretor Marcelo fez uma reunião com todos os professores e passou em todas as turmas para chamar atenção sobre a violência na escola. E no dia seguinte, Dona Maria levou o Renan até a escola, mesmo sem vontade de ir ele se sentou na última carteira da sala de aula. E esse dia, foi muito tenso para Renan porque após o recreio recebeu um tanto de bilhetes dizendo coisas horríveis, assim os colegas durante as aulas ficavam rindo dele e os professores não chamavam atenção.

8.3 Apêndice C – Estudo de Caso (7º ano)

Estudo de caso: Não quero mais ficar em casa!

Débora tem 12 anos, mora com sua mãe, irmãos mais novos e seu novo padrasto. Débora é uma menina muito radiante e sempre conversa com todo mundo, passando várias horas no celular, fazendo amizades e assistindo vídeos. Um dia, jogando um jogo online, ela recebeu uma

solicitação para jogar em conjunto, era de um menino. Débora aceitou a solicitação e passou a jogar com esse garoto. Os dois passavam bastante tempo jogando todos os dias.

Um dia, durante uma conversa em meio a uma partida do jogo, Débora percebeu que o garoto estava invadindo muito seu espaço, perguntando coisas muito íntimas e querendo que ela compartilhasse seu número para que ele pudesse lhe enviar fotos e para que ela enviasse fotos suas também. Débora estranhou o comportamento do colega, mas não quis contar para sua mãe, porque pouco tempo atrás contou para ela que o padrasto estava tocando em seu corpo e dizendo que queria ficar sozinho com ela e a mãe não tomou nenhum tipo de atitude, não ajudou a própria filha.

Débora, sem saída, contou para a professora de ciências, Marta, após uma aula sobre educação sexual:

— Professora Marta, posso conversar com você agora no recreio?

— Oi, Débora. Claro, vi que está mais na sua. Está acontecendo alguma coisa?

— Estou com vergonha de contar, deixa... pode ser coisa da minha cabeça.

— Débora, muitas vezes quando nos sentimos oprimidos, não são coisas da nossa cabeça.

É algo relacionado com a aula?

— Então professora, é sim... - E ela contou para a professora tudo o que estava acontecendo.

Marta ficou muito assustada com a situação da aluna e resolveu conversar com a direção para tomar alguma posição no caso. A direção também não tomou nenhuma atitude dizendo que realmente poderia ser algo que Débora poderia ter inventado para chamar atenção. Débora, então, ficou ainda mais triste ao saber, parou de conversar com todo mundo, não gostava de ficar sozinha em casa, se isolou dos amigos e não queria mais jogar seu jogo preferido.

8.4 Apêndice D – Estudo de Caso (8º e 9º ano)

Estudo de caso: Todas juntas por uma causa!

Alice, uma menina muito doce e participativa, estuda em uma escola no centro da cidade onde ela mora. Durante uma aula de Teatro, seu professor, que sempre demonstrou ser uma pessoa boa, começou a tocar em seu ombro sem a sua permissão. Alice se assustou com o ato do professor, pois suas mãos esbarravam constantemente em seus peitos. A menina, perturbada com a situação, sentou-se em sua mesa sem querer acabar a atividade que o professor pediu. Ao

mesmo tempo, o diretor chegou na sala de aula para entregar um bilhete aos alunos e notou que Alice não estava fazendo a tarefa, então perguntou a aluna:

— Alice, por que você não está fazendo a atividade?

— Não estou me sentindo muito bem.

— Então me acompanhe Alice, vou ligar para seus pais.

Alice acompanhou o Diretor até sua sala e, quando entraram, Alice contou sobre as ações que o professor de Teatro estava tendo, tocando-lhe sem sua permissão, em regiões que ele não deveria tocar. O diretor, sem acreditar na aluna, ligou para seus pais dizendo que Alice estava contando mentiras a respeito do professor de Teatro. Seus pais chegaram e, antes mesmo de dar qualquer oportunidade para Alice explicar, começaram a xingá-la dizendo que a colocariam de castigo sem televisão e celular por estar inventando mentiras.

Alice, percebendo que seus pais não queriam saber o que havia acontecido e que não acreditariam em suas palavras, se tornou uma garota totalmente diferente de como ela era, ficando triste nos cantos, sem querer participar das atividades que os professores pediam e se fechando para seus amigos.

Durante a semana, uma colega de Alice, notando sua tristeza, começou a conversar com ela:

— Oi Alice, por que você está tão triste?

— Nada, não, Geovana, me deixa quieta.

Quando a Alice se afastou e levantou as mangas de seu moletom, Giovana percebeu que haviam cortes no braço da amiga e ficou muito preocupada. Ela pediu, então, que a Alice fosse com ela ao banheiro, a fim de conversar com a menina:

— Alice, por que você está se machucando? Conversa comigo.

— Olha, por que me chamou aqui? Só para isso? Só para saber da minha vida?

— Alice, estou querendo te ajudar! Sei que não somos muito próximas, mas pode confiar em mim. Já fiz isso também e conversar me ajudou muito.

— Sabe o professor de teatro? Acho que ele está abusando do meu corpo.

— Você também? — Perguntou a amiga assustada— Todas as meninas estão dizendo o mesmo. Além disso, elas também dizem que ele está tirando fotos do nosso corpo quando não estamos olhando.

— Fiquei com medo de falar, por achar que era só comigo. Não sei se sinto alívio ou mais medo ainda.

— Não deve ficar aliviada, nós precisamos fazer alguma coisa.

Com todos os relatos, as meninas se juntaram e resolveram fazer algo.

8.5 Apêndice E – Plano de Aula sobre Violência

I. DATA: 25/05/2023	
II. Tema	
2.1) Unidade Temática (UT): Violência	
2.2) Objetos do conhecimento (OC): Violência; Assédio	
2.3) Tempo estimado: 4 aulas de 50 minutos em cada turma	
III. Objetivos e Habilidades:	
3.1) Habilidades: Esperamos que os discentes sejam capazes de reconhecer e denunciar quaisquer tipos de violências, além de: • Compreender as diversas formas de manifestação da violência; • Habilidades de comunicação e expressão oral • Habilidades de trabalho em equipe • Habilidades de reflexão e análise crítica • Habilidades de tomada de decisões	
3.2) Objetivos esperados: a) Ao nível de conhecimento: Compreender os diferentes tipos violência; reconhecer situações de abuso e violência dentro da escola; distinguir ações sem intencionalidade e ações intencionais; conhecer as diferentes e possíveis medidas a serem tomadas em casos de violências b) Ao nível de aplicação: responder ao questionário, participar da problematização a partir dos relatos na caixinha, solucionar o estudo de caso, registrar as informações sobre o tema em cartilhas ou redação. c) Ao nível de solução de problemas: debater sobre as possibilidades para resolução do estudo de caso, resolução quanto às violências na escola e em casa.	
IV. Caracterização dos Conteúdos:	
a) Conteúdos conceituais - O aluno deverá saber sobre: 1) Assédio 2) Bullying 3) Violências (doméstica, moral, física, verbal, psicológica, sexual e patrimonial).	
b) Conteúdos Procedimentais - O aluno deverá saber fazer: 1) Levantar hipóteses referente ao estudo de caso 2) Discutir sobre os tipos de violências	

3) Participar das atividades c) Conteúdos Atitudinais -O aluno deverá demonstrar: 1) Responsabilidade; 2) Comprometimento; 3) Respeito com o próximo; 4) Participação					
V. Procedimento Metodológico e Estratégias Didáticas:					
SÍNTESE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA					
ETAPAS	NºAULAS/DURAÇÃO	SUBTEMA DA ETAPA	CONTEÚDOS CONCEITUAIS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
1	1 aula/ 50 min	Violência	Tipos de violência: assédio, violência doméstica, bullying e etc.	Caixa e Questionário	Caixa de leite, EVA, folhas impressas.
2	1 aula/ 50 min	Violência	Tipo de violência personalizada para cada turma através do estudo de caso.	Leitura de caso	Folhas Impressas
3	1 aula/ 50 min	Violência	Tipos de violência: assédio, violência doméstica, bullying e etc.	Aula expositiva Dialogada	Projetor
4	1 aula/ 50 min	Violência	O que fazer quando sofrer algum tipo de violência?	Cartilha e Redação	Folha A4, lápis, lápis de cor, giz de cera, lápis de escrever e borracha.
DESCRIÇÃO DAS ETAPAS					
Etapa 1: As residentes colocam caixas para os alunos constatarem de forma anônima para a construção dos estudos de casos e questionário aplicado sobre as violências para avaliação inicial da turma sobre as violências. Etapa 2: Apresentação dos estudos de casos personalizados de acordo com cada sala e os relatos obtidos. Etapa 3: Aula expositiva dialogada sobre os tipos de violência e o que fazer quando se encontrar nessa situação (medidas necessárias). Etapa 4: Criação de cartilhas e redações pelos alunos.					
VI. Recursos didáticos					
Folha A4 comum e colorida, datashow, giz, lápis de cor, giz de cera, lápis de escrever e borracha.					

VII. Avaliação da Aprendizagem	
a)	Diagnóstica: Responder ao questionário, realizar relatos na caixinha.
b)	Formativa: Discussão sobre os temas abordados.
c)	Somativa: Escrever uma redação para um final alternativo do estudo de caso, confeccionar uma cartilha e uma redação sobre a experiência que tiveram ao longo da atividade.
d)	Crêterios adotados para correção das atividades: Cooperação para o desenvolvimento de todas as atividades, participação voluntária nas atividades propostas e respeito com o próximo.
VIII. Bibliografia	
ALLAIN, Luciana Resende; FERNANDES, Geraldo W. Rocha; DIAS, Isabella Rocha. Metodologias e abordagens diferenciadas em ensino de ciências. Livraria da Física , São Paulo, p. 1-291, 2022.	

8.6 Apêndice F – Produtos obtido com a sequência didática – Cartilhas informativas e produções textuais

Violências Não

TRABALHO DE CIÊNCIAS

VAMOS
FALAR SOBRE AS
VIOLENCIAS?



CONTATOS QUE PODEM
AJUDAR
DISQUE 100 PARA

auxílio à criança,
adolescente, idosos e
deficientes

181- denúncia anônima
180- Central de Atendimento
à mulher

Caso precise conversar

disque 188- Centro de
valorização à vida

VIOLENCIA MENTAL

O indivíduo agredido a vítima
com palavras deixando
danos mentais como ansiedade,
depressão etc...

VIOLENCIA FISICA

A violência física é quando
o indivíduo agredido a vítima
causando machucados, amarras,
mão e outros tipos de feridas

Violência sexual

A violência sexual é quando
um indivíduo sendo a vítima
ou seja, passa a mão em suas
partes íntimas e etc...

VIOLÊNCIA

Violência

TEMOS VÁRIOS TIPOS DE VIOLÊNCIA, COMO A FÍSICA, VERBAL E A PSICOLOGIA ETC. ENTRE ELAS TEMOS A VIOLÊNCIA SEXUAL, E TAMBÉM A EXPLORAÇÃO INFANTIL. OS CASOS COSTUMAM ACONTECER EM CASA, PRINCIPALMENTE COM FAMILIARES DA PESSOA.

Canais

TEMOS VÁRIOS CANAIS, QUAIS VOCÊ PODE DENUNCIAR CASO SAIBA OU SUSPEITE DE ALGUÉM QUE SOFRA QUALQUER TIPO DE VIOLÊNCIA.

100 - VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS, ADOLESCENTES, IDOSOS E DEFICIENTES (ANÔNIMO)

180 - CENTRAL DE ATENDIMENTO À MULHER

181 - DENÚNCIAS ANÔNIMAS

CASO QUEIRA CONVERSAR ANONIMAMENTE

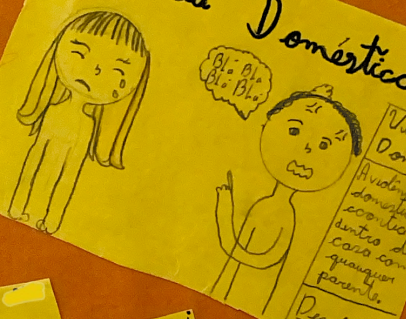
188 - CVV (CENTRO DE VALORIZAÇÃO À VIDA)

VOLUNTÁRIOS TODOS OS DIAS

Diga não
a
Violência

ASSEDIO É
CRIME
Denúncia

Violência Doméstica



Violência Doméstica
Atuação
doméstica
contra
antes de
casar com
qualquer
parente.
Denúncia

Violência é
Crime!

Canais
de

Denúncia

- 100 - Quando Crianças, Adolescentes, Idosos e Deficientes estão sofrendo alguma violência.
- 180 - Central de atendimento à mulher.
- 181 - Denúncia anônima.

VIOLÊNCIA SEXUAL



Não tenha medo
Denúncia!

Diga não ao BULLYING

Bullying não é e nunca vai ser "só uma BRINCADEIRA!"

Se você quer ser respeitada(a) RESPEITE PRIMEIRO!



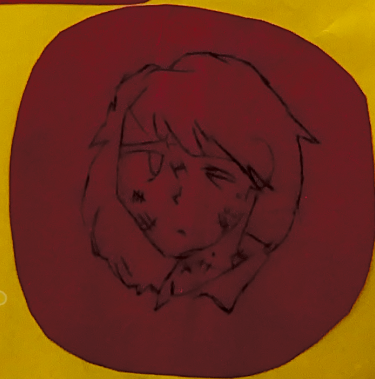
Diga não ao Preconceito

Regis cada um ppz

- 100 - ouvidor o crianças, adolescentes
- 180 - Central de atendimento a mulheres
- 161 - denúncia anônima
- 188 - Centro de valorização a vida
- 190 - polícia

Tipos de
Violência

- Violência Sexual
- Bullying
- Violência Doméstica
- Racismo



QUE É VIOLENCIA

A violência é algo que acontece diariamente. Por exemplo, enquanto você está lendo essas cartas. Tem vários tipos de violências a psicológica a física também tem o bullying que também pode causar a depressão, que pode levar a o suicídio.



DENUNCIA:

100
181
180

Tudo tipo
de violência
é crime.

O que é Violência doméstica

Violência

Violência é tudo aquilo que você sofre com alguém te bater te ameaçar etc.

Violência

Violência é quando algum homem ou mulher te bate ou faz coisas que você não gostaria que fizesse com você.

Violência

violência

aquilo que te agride
como se diz aqui.

VIOLÊNCIA

VIOLÊNCIA É crime

Número de
polícia denuncie
para a polícia
190

Violência 180 100 151 188
ligar nele mesmo denuncia
não sofre violência calada



Violencia

Violencia

contra mulheres

DENUNCIE:

numero: 188

180

Liga não a violência
denuncia violência
e crimes.

Violencia
Diga não a violência
domestica Denuncie
Violencia infantil
Racismo e violencia
Disque 190 e 399

~~MI~~ A TODA
PARA A

POLICIA
CIVIL

Racismo é violência
tipos de Racismo colorar
opido nas pessoas.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Alicia e sua amiga se juntaram e reuniram todas as meninas que o professor havia ~~feito~~ tocado ~~então~~ Alicia começou a falar meninas: precisamos meninas precisamos fazer alguma coisa a amiga de alicia falou assim "podemos juntar todas e ir falar com o diretor, mas" Alicia falou não vai funcionar, eu tentei e não deu certo. As meninas ficaram pensando até que... tiveram uma grande ideia decidiram fazer um vídeo e jogar na internet... ~~então~~ foi as meninas marcaram depois da escola na casa da Alicia onde os pais dela não ia estar... chegou então todas as meninas alicia falou "então meninas vamos começar..." a amiga de alicia pegou o celular e posicionou ele e chamou as meninas antes de começar a amiga de alicia falou meninas pra nós acabar com isso e pra não nenhuma menina sofrer isso precisamos ser sincera e falar sem medo a amiga de alicia pegou e começou a gravar "Alicia foi a primeira: Ela falou onde o professor tinha tocado... Ela começou a falar... oi meu nome é Alicia e estou aqui com minhas colegas ^{vídeo} estamos gravando esse ^{vídeo} para falar de uma

situação Desagradável que aconteceu com todas nós...
agente estuda na escola gabriela neves temos um professor de arte ele se começou com umas atitudes erradas pegando em meu corpo sem minha permissão fomos vítimas de abuso e gravamos esse vídeo pra que recebemos apoio por que a escola e nosso pais não estão nos apoiando pesso a compreensão de todos que conhece essa escola a nos ajuda a botar esse abusador na cadeia. com isso as meninas portaram o vídeo viralizou juntos fomos pais indo na escola o diretor pegou e demitiu o professor e pediu desculpa por não ter tomado uma providência e por não ter ~~ser~~ ~~esse~~ ~~esse~~ acreditado nas meninas. Denúcio o professor e o prendeu.

voce que sofre abuso na escola ou na rua ou em casa não deixe de denunciar diske 100 e for crianças adolescentes ou idosos caso tenha medo de dizer quem e diske 181 denuncia anônimo

Todos juntos contra o abuso!

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

então todos os garotos se juntaram, e conversou sobre o que poderiam fazer em relação a isso. daí alice sorriu e lhe - disseram, temos uma ideia o professor vai se arrepender do que fez com a gente.

de manhã, todos as meninas se juntaram na portaria da escola, conectou seu microfone, e começou a contar tudo o que o professor fez com elas, além de ter contado que o professor estava abusando delas: tocando nas suas partes íntimas, tirando fotos sem suas permissão. elas começaram a contar sobre todos seus poderes.

de repente a diretora chegou chamou alice para a diretoria, então alice lhe disse antes que começa a me singar e falar que é mentira eu tenho provas, alice mostrou, as fotos, os vídeos dele tocando nas suas partes íntimas sem permissão, a diretora não pensou 2 vezes chamou a polícia. lhe prendeu, o professor pagou 25 anos de prisão. então a diretora decidiu contratar o pai de alice para ser o professor de artes. depois disso a escola ficou melhor do que já era.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

No dia seguinte as meninas resolveram denunciar os abusos que estavam sofrendo pelo professor imprimiram fotos do professor e espalharam pela cidade e postaram nas redes sociais.

Diga não ao abuso!
disque-100

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas resolveram fazer um multirão para tentar tirar o professor da escola e chamaram a polícia para resolver o caso.

Quando a polícia chegou ao local, a polícia percebeu que elas estavam ~~em~~ muito assustadas e perguntaram o que tinha acontecido, elas relataram os acontecimentos para a polícia, e diante dessa situação resolveram ir até o professor e ~~interrogá-lo~~ interrogá-lo, sendo que o que as alunas também falou era verdade ele prenderam o professor ~~e as~~ e as alunas se sentiram melhor em seguir as aulas.

Liga não ao Russo

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

*Elas e as outras amigas se juntaram com
os alunos com o professor*

Elas resolveram fazer um mutirão para tentar
tirar o professor da escola e chamaram a polícia
para resolver o caso.

Quando a polícia chegou ao local, a polícia
percebeu que elas estavam muito assustadas e
perguntaram o que tinha acontecido elas relataram os acontecimentos
para a polícia, e diante dessa situação, a polícia resolveu ir
até o professor e elas interrogaram o professor, sabendo
que o professor e as outras alunas tinham falado a
verdade elas elas perdoaram o professor e as alunas
se sentiram melhor em frequentar as aulas.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula "Todas juntas por uma causa!" e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Mica e suas colegas deveriam
ligar para o Juiz, e fazer uma denúncia,
mas elas não queriam
se identificar e se ligar para os
pais elas poderiam. Juntas elas
que sofriam o abuso, e colocam
câmeras em seus quartos, para
conseguirem provas para seus pais
e que estava realmente acontecendo
pais. Elas eram adolescentes, e o
que o professor de teatro estava
fazendo era crime e poderiam
levar ao suicídio a depressão etc.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Giovanna era uma aluna muito linda e educada. Ela foi na sua primeira aula de aula em sua nova escola. Chegando lá, Giovanna perguntou quem era o professor e a nova colega falou que o professor ia ser para elas. O professor era o melhor professor do mundo. Ela chegou na escola na 6ª série e os tempos foram passando e Giovanna estava no 9º ano. Prestes a formar lá, o professor começou a passar a mão em seu corpo. Quando Giovanna passava, ela falava para o corpo. Quando chegou em sua casa, ela disse para os pais. Mãe, pai, estou sendo assediado na escola. Mas os pais não acreditaram e Giovanna começou a se esconder e a depressão começou a aparecer. Com Giovanna no dia seguinte, Giovanna foi à escola e suas amigas perguntaram: o que é isso? No seu lugar, Giovanna falou: mãe, mãe e no lugar da mesma e sua amiga não acreditou que era assim.

Então elas conseguiram que guerras
fosse a rendida: ficaram disse estão sendo
assediado pelo professor e logo suas
amigas responderam por que tu não fala
isso antes agente também e assediado por
ele ele respondeu seria então as meninas
tiveram uma ideia elas fizeram uma
denúncia anônima então esse professor foi
expulso da escola então depois disso
então elas ficaram e suas amigas e
pararam de sofrer com ele então elas
elas formaram uma vida feliz para
sempre.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

As meninas resolveram se reunir e fazer um protesto, elas pegaram tinta parraram em suas mãos e colocaram em um lugar em que o professor fosse sem sua permissão, e fizeram cartazes relatando todos os acontecimentos, e ~~ela~~ elas foram para a porta da escola se reuniram na porta da escola e começaram a gritar (Não à Violência (Não é o abuso) elas também gritaram o nome do Professor e pedir a ^{sua} demissão, o diretor que não tinha credibilidade no início viu que a situação estava ruim e resolveu chamar a polícia, a polícia chegou na escola ouvindo todos os gritos e em seguida recolheu as celulares dos professores e viu as fotos que ele estava tirando de suas alunas, sendo assim o professor morreu. E as alunas conseguiram vencer seu medo, e ~~começo~~ começaram a frequentar a escola novamente.

Enfim a Justiça foi feita...

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas poderiam fazer uma denúncia anônima 181, e para as provas, ela podia colocar uma máscara na sala

100 180 181 188

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Ela tinha que ter ligado para 190 e fazer
o boletim de ocorrência contra o professor.
Com ela tinha esse número para denunciar
100 crianças adolescentes e idoso.
180 Mulher
181 denúncia Anônima.
188- Valorização a vida.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas tentaram denunciar o professor, ligou para o 180
mas não acreditaram porque não tinham prova
concretas sem provas elas decidiram gravar
o professor elas tiveram provas suficientes
e o diretor demitiu o professor e entregou ele
a polícia

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causal**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas Tentaram denunciar o professor, ligou para o 180 mais Elas não tinham prova contra o professor, Então Elas colocou um celular escondido para ter prova, Então Elas Foi na delegacia e conseguiu que Elas queriam.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula "**Todas juntas por uma causa!**" e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

ele pediu delusão e praçessa pro polícia
e ~~pro~~ fala com o país ele meninas e
peço os papéis pro mãe e pro pai dele e
pro não oculte-lo

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Depois de uma aula do professor de teatro estava tocando no corpo de uma aluna que chegou um dia que todo mundo estava fazendo olhando mas Alice não queria fazer e o diretor da escola foi lá na sala do professor de teatro entregar o papel para o professor aí viu que Alice não estava fazendo e o chamou para conversar lá em baixo aí Alice contou tudo para o diretor mas o diretor não acreditou na aluna e o ligou para os pais da aluna mas ninguém acreditou na aluna Alice começou a ficar triste pelos os cantos da escola aí chegou uma menina que viu Alice triste e o queria conversar com ela aí a menina o contou tudo o que estava acontecendo e o resolveu com ligou para o diretor aí o professor foi preso.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Então, elas resolveram fazer um protesto na escola sobre o ocorrido, o protesto se espalhou por todo o mundo, elas conseguiram vários apoios, com vários pais, advogado de graça, vários tipos de pessoa tinha: negro, branco, pardo... No final ele foi preso com prisão perpétua. e todas elas ficaram felizes, por que todas se juntaram pra mostrar suas forças e deu tudo certo.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

DEPOIS DE CONVERSAR COM SUAS AMIGAS ELAS RESOLVERAM FAZER OMBRO ELAS SE OUNTARAM E FORAM NA DELECOACIA DA PROTECAO DA MULHER E FORAM PROTOCOLAR UMA DENUNCIA CONTRA O PROFESSOR DE TEATRO E EM IMEDIATAMENTE ELE FOI ATE A ESCOLA PARA PROTOCOLAR A INVESTIGACAO E DESCOBRIRAM QUE AS MENINAS TINHA RACEIO E ENTÃO FIZERAM A PRISAO IMEDIATAMENTE, E DEPOIS DE TANTO LUTAREM AS MENINAS CONCEBERAM O QUE ELAS QUERIAM

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

As meninas resolveram sentar nas cadeiras de trás para gravar o professor de teatro tirando fotos das meninas que estavam apresentando. Só que ele não sabia que elas estavam gravando ele para provar. Então elas decidiram falar com a diretora o que havia acontecido. Então a diretora decidiu ligar para a polícia para mostrar o vídeo que ele estava tirando foto delas. Então os policiais levaram ele preso. E tudo acabou feliz graças a Deus.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas entraram em contato com a Superintendência, e não falaram com o diretor elas foram sem falar com ninguém e aí sim resolveram o problema expulsaram o professor do Teatro

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Alice e Jeovânia se juntaram as outras meninas depois as escolas e foram direto para a delegacia e contaram tudo ao delegado ouvindo o que elas disseram mandou 2 policiais atrás do professor e o prenderam.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Continuação...

Elas se dirigiram a direção da escola, relataram com a Diretora o que estava acontecendo.

A Diretora verificou nas câmeras e viu que as garotas não estavam mentindo e tomou as providências com o professor.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas se juntaram para fazer um plano, não contaram para ~~o~~ ~~ninguém~~ ~~ninguém~~ ninguém pois estavam com medo.

Elas entraram em contato com a Central de Atendimento à Mulher, elas tomaram providência, e prenderam o homem na saída da escola.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Então as duas se juntaram, e foram conversar com as meninas que também tinham passado pela mesma situação que Alice.

E entre elas uma deu a ideia de denunciar para a polícia, e todas concordaram em ir para denunciar o que o professor havia feito com todas elas. E lá foram elas denunciar o professor chegaram na delegacia e com coragem, denunciaram o professor e falaram sobre ele tirar fotos delas, sobre ele passar a mão no corpo sem a autorização delas, elas foram ouvidas e investigaram, e ele foi preso para o alívio delas.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Alice, percebendo que seus pais não queriam saber o que havia acontecido e que não acreditavam em suas palavras, se tornou uma garota totalmente diferente de como ela era, ficando triste nos cantos, sem querer participar das atividades que os professores pediam e se fechando para seus amigos. Durante a semana uma colega de Alice, notando sua tristeza, começou a conversa com ela:

- Oi Alice, por que você está tão triste?

- Nada, não, Giovana, me deixa quieta.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

- de repente a Alice e suas outras amigas resolveram ir até a diretora do teatro e falaram para ela que o professor de teatro que estava tirando zoeira do seu corpo.
- logo em seguida a diretora do teatro, chamou a polícia para o professor e logo em seguida chamou os seus pais, o professor foi preso por ter abusado da menina.

Quais providências devemos tomar?

- Em caso de denúncias:
 - Ligue 100 para atos contra crianças, adolescentes, idosos etc...
- 180 - central de Atendimento à Mulher.
- 181 - Denúncias Anônimas de qualquer natureza.

Pela Conversa

- 188 - Centro de valorização à Vida

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula "Todas juntas por uma causa!" e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

elas fizeram uma lista de pessoas
que sofriam ou sofriam na mão dele
do professor e mostraram para a diretora
e vendo mais de 20 nomes ela imedia-
tamente ligou para a polícia e ele
foi preso por abuso de ~~discrição~~
vulneráveis

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula "Todas juntas por uma causa!" e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Os amigos de Alice juntaram um grupo de amigos contra o professor de teatro por deixar a Alice como mentirosa e estar tirando foto delas.

A Alice descobriu que os diretores chamou os pais dela por causa de uma mentira falaram que ela inventou mentiras sobre o professor de teatro.

Alice estava de castigo, mas mesmo assim pulou a janela de sua casa e foi até a casa de uma das amigas pra fazer algo contra o professor de Teatro.

Eles foram na casa da diretora ter uma conversa com ela sobre o assunto.

A diretora ouviu foi a casa do professor de teatro esclarecer o assunto, o professor entendeu eles mas ficaram com uma queixa na polícia do professor Apsidiados.

Seus pais descobriram a verdade pediu desculpas a Alice e ela ficou bem sem castigo pois afinal de contas tudo isso foi uma grande mentira contra Alice.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

- Elas foram na delegacia, com falaram com a delegada que acreditou nas meninas e foram a escola.

Chegando lá as meninas junto com as policias pegaram o celular do professor de teatro e eles viram as fotos....

O professor foi preso e as meninas que sofreram psicologicamente estão indo algumas ver na semana para fazer tratamento.

Hoje em dia elas estão super bem e a lei maria da penha esta cada vez mais se fortalecendo.

Fim.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

(...) As meninas se uniram para tomar devidas providências, com medo que o professor fizesse algo pediram ao diretor que chamasse um grupo de palestrante para falar sobre violência, e abuso contra mulher.

O diretor convenciado que o assunto lhe traria benefícios, aceitou a proposta das garotas.

Chegando o dia da palestra... O palestrante perguntou:

- Vocês sabem o que violência?

Alguns alunos levantaram as mãos, o palestrante então pediu que os alunos falassem sobre tipos de violência, Alice levantou a mão e disse:

- Já ouvi dizer sobre violência física, psicológica, sexual e Privação, mas gostaria de saber mais sobre assédio.

- Bom, assédio é quando alguém toca em você sem a sua autorização. Alguém aqui já sofreu assédio ou violência?

Alice e todos os meninas que estavam passando por aquela situação, levantaram a mão. O palestrante falou que se elas falassem com alguém e a pessoa não fizesse nada elas poderiam denunciar no nº 100

que é violência contra crianças e adolescentes,
idosos, e pessoas com deficiência.

180 - Central de Atendimento à Mulher.

181 - Denúncias anônimas.

Os meninos, juntos ligaram e denunciando o professor
de teatro.

O policial foi até a escola interrogar o professor
e acabaram descobrindo que o diretor era cúmplice.
No final de tudo prenderam os dois e os meninos
podem ir tranquilos para a escola.

Jim!

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula "Todas juntas por uma causa!" e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Primeiro os dois foram ao diretor, e disseram a ele o que estava acontecendo, já que agora são duas pessoas também, ele acreditou.

Ele os disse que falar com os pais da Alice, e chegaram as respostas dos dois, o diretor disse: — Os pais responsáveis por Alice, nenhum, por favor.

— A sua filha, Alice, está dizendo as mesmas coisas, só que uma das amigas dela, está com ela.

Os pais da Alice, buscaram a Alice e perceberam que seu bloco estava cheio de cortes, e a perguntaram o porque, e ela disse chorando:

— Vocês não acreditam em mim! Daí os pais dela decidiram levar o caso mais a sério. E pensaram que ela não contaria seu bloco sem →

→ motivo. Depois levaram o caso para investigação, e descobriram que era verdade e o professor foi punido.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Alice e as outras vítimas se reuniram em protesto em frente ao colégio. Entrigados com a situação, o diretor e os professores decidiram chamar a polícia. Quando a polícia chegou, perguntou a Alice e aos amigos o porquê de estarem protestando. Alice e as outras explicaram toda a situação, e o caso foi levado ao promotor, que ordenou a prisão preventiva do professor até que o caso fosse apurado.

Após terminarem as investigações o suspeito foi levado a julgamento, no qual foi condenado a 11 anos de prisão, e quando terminasse de cumprir a pena seria obrigado a fazer trabalhos voluntários por tempo indeterminado.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

No mesmo semana as meninas, começaram a protestar, frente a escola, carregando cartazes sobre o assédio e o exploração sexual e gritando

-Demissão as professoras de teatro!

Foram questionadas e ignoradas muito tempo, até que o mesmo aconteceu com as professoras, e, após, muita pressão o professor de teatro foi preso e saiu da escola.

O Aluno das meninas e professoras ao receber a notícia, puderam estudar e ensinar sem preocupação ou insegurança.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas se juntaram com a intenção de fazer alguma coisa já que as ações do professor não pararam e continuava afetando as meninas, uma professora que já havia reparado nas ações do professor resolveu ajudar as meninas que estavam com medo do professor.

Resolveram gravar a aula de uma forma em que mostrasse o professor assediando as alunas. Levaram as imagens para o diretor e assim o professor foi preso por assédio contra suas alunas.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas começaram contando para os alunos da escola para saber se mais alguém tinha algum relato, pois eles ~~preciso~~ precisavam unir forças para colocar esse professor tarado na cadeia, e elas acharam várias outras alunas e alunos também.

No dia seguinte foram todos eles na delegacia, os policiais checaram os fatos e ficaram de olho no professor por 1 semana e os alunos estavam ~~o~~ certos e os pais arrependidos por não acreditar nos filhos, no fim o professor foi preso e eles começaram um projeto na escola para evitar que isso aconteça de novo.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

As meninas se juntaram e foram falar com os pais da Geovana para tentar resolver o problema, mas infelizmente os pais dela assim como os de Alice, não acreditaram nelas.

As duas, se vendo em um beco sem saída, se suicidaram, deixando o professor livre sem consequências, mas quem sabe um dia alguém consiga resolver as coisas.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas se reuniram na casa de Alice depois da escola, os pais dela estavam trabalhando, então não teria momento melhor para discutir sobre esse assunto.

Alice estava nervosa e inquieta, mas sabendo que todas aquelas garotas que estavam presente entendia os seus sentimentos, ela se sentiu mais aliviada. Elas deram início ao assunto, ficaram horas e horas discutindo sobre, e chegaram a conclusão de ir no dia seguinte, todas juntas, na sala do diretor. Como estavam todas juntas, Alice estava esperançosa e confiante, pois ela não estava sozinha, tinham pessoas que entendiam suas dores, então não tinha pra que ter medo.

Elas chegaram na escola no dia seguinte e foram direto para a sala do diretor, elas não iriam perder tempo, tinham aula desse professor ainda hoje.

Bateram na porta e logo entraram, o diretor estava assinando uns papéis, e foi obrigado a parar pelo tanto de garotas presente em sua sala. Elas desabafaram com ele, contou tudo que estavam sentindo, e das ações do professor, o diretor vendo que todos estavam falando sério, atendeu aos seus desejos, pediu desculpas pra Alice por não ter a ouvido de primeira, e pediu desculpas para as outras garotas presente.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Após se juntarem, os meninos foram na diretoria relatar sobre os acontecimentos, estavam crentes que ao contar para uma autoridade resolveria os problemas. Mas, novamente, o diretor não acreditou nos meninos e ligou para seus pais.

Muito revoltados, eles foram em busca de outra forma de denunciar o professor. Foram para polícia. Chegando lá, eles precisaram de um adulto para testemunhar a favor deles.

Depois de todas as tentativas, eles desistiram e resolveram mudar de escola.

Infelizmente essa é a realidade da maioria das pessoas.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Todas juntas, foram relatar o caso a diretora e agora com tantas meninas relatando o ocorrido a não poderia fazer vista grossa disso.

Dito e feito, A diretoria analisou as imagens das câmeras porém não encontraram nada que comprovasse os casos relatados e nada poderia ser feito sem provas. Então, as meninas resolveram ir até a polícia e lá puxaram a ficha do professor e viram que ele já tinha uma passagem pela polícia por violência sexual e a polícia resolveu agir primeiro e começaram a vigiar ele.

Em uma praça viram ele tirando foto de um grupo de meninas e isso foi o suficiente para levarem ele para a cadeia, Um dia após isso as meninas ficaram sabendo e acabaram mudando de escola e se deram bem.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

ALICE ENTÃO, JUNTO DE SEU NAMORADO MIGUEL QUE SOFRIA BULLYING UNIRAM FORÇAS COM AS OUTRAS MENINAS E FIZERAM UM PLANO PARA ACABAR COM O PROFESSOR DE TEATRO. O PLANO ERA O SEGUINTE, ELAS COLOCARIAM UMA ALUNA EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE COMO ISCA EM UMA SALA PEQUENA E ILUMINADA PARA QUE NA HORA DO "BOTE" ELAS FLAGRASSEM O ATO HEDIONDO DO PROFESSOR.

O PLANO ENTÃO SE INICIA E TUDO VAI UM SUCESSO, ATÉ QUE... QUANDO OS ALUNOS FORAM MOSTRAR A FILMAGEM PRO DIRETOR, VIRAM ELE... AFIRMANDO SONEGAR IMPOSTO DE RENDA!!!

O PROFESSOR E O DIRETOR FORAM PRESOS, OS PAIS DA ALICE FICARAM DECEPCIONADOS COM ELAS MESMOS POR NÃO BOTAREM FÉ NA FILHA E ALICE, MIGUEL E AS ALUNAS SAIRAM MAIS FORTES POR TEREM ACABADO COM O ASSÉDIO E DEPOIS O BULLYING (EM OFF)

OBS: NENHUMA ALUNA ISCA FOI FERIDA E/OU ASSEDIADA DURANTE A ESCRITA DESSE TEXTO.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Alice e Geovana se juntaram com as outras garotas para falar com o diretor, em uma semana lutaram para tentarem parar a situação, mas, sem sucesso. Todas as vezes das várias meninas não foi suficiente para o diretor tomar alguma providência, ele não acreditou em uma palavra se quer das garotas.

Como que não teriam nenhum recurso dentro do colégio, se juntaram para ir em a delegacia, e assim finalmente a polícia tomou providência.

O assediador foi preso e a justiça foi feita.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

[...] Com razão, as meninas foram procurar ajuda para seus parentes e conhecidos. Ninguém acreditou. Outros professores? Não. Alguma mãe? Não. Algum pai, tio, avô, avó, gato, cachorro, pessoa aleatória da rua? Não!

- O que faremos agora? - diz Alice, frustrada - Ninguém acredita em nós!

Enquanto as meninas andavam, muito tristes por não cumprir sua missão, viram um cartaz, nele dizia: Sofreu algum tipo de abuso? disk 180! E foi isso que elas fizeram. Depois de tudo resolvido, os responsáveis que não acreditaram, nelas se desculparam.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Elas todas juntas foram para a polícia e denunciaram o professor, e agora com tantos relatos a polícia decidiu investigar o professor, eles investigaram o professor e encontraram várias provas (fotos), as alunas estavam falando a verdade! O professor foi condenado a ficar na cadeia por 20 anos. Com a vitória das alunas sobre o caso, as alunas se juntaram novamente e criaram uma campanha nas redes sociais contra o abuso, onde todas as vezes desse tipo podem ser relatadas.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Após isso, elas invadiram a sala da diretora e conseguiram um vídeo das câmeras do professor de teatro, tirando foto do corpo das meninas, então a Alice exclama:

— Oba! me sinto até mais aliviada, vamos pegar as gravações e levar a algum responsável logo!

Então, elas levam até a delegacia e acabam fazendo uma ocorrência, prendendo o professor.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula “**Todas juntas por uma causa!**” e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Primeiro as mulheres queriam a polícia
tentar denunciar o professor de teatro
mas elas precisavam de um documento
inibente adulto para elas conseguirem a
denúncia, então elas tiveram uma ideia
de ligar para um número de denúncia
(100-para votar contra, adulterantes-
ultramar e pessoas com deficiência.)
e conseguiram fazer a denúncia contra
o professor de teatro.

Produção Textual

Releia o caso que foi apresentado a você na última aula **"Todas juntas por uma causa!"** e, a partir dos conhecimentos que lhe foram apresentados e as coisas que você já conhece, escreva um final diferente para a história.

Use sua criatividade!

Com todos os relatos foram a delegacia denunciada. Os policiais então foram investigar então os policiais foram conversar com a diretora da escola que os meninos estavam mentindo então os policiais leram por o delegado e ele fez a seguinte pergunta para as meninas quando começou? elas falaram que fazia já duas semanas então o delegado falou que os meninos estavam mentindo. Eles foram por uns quatro meses do escola por fazer o que fazer. elas não sabia o que fazer então escutaram um louco outro do meio era o professor de teatro dizendo de uma mulher elas gravaram tiraram fotos e foram no delegado denunciando mostraram as fotos e vídeos ele pediu desculpas as meninas e o professor de teatro foi preso e a diretora temer um multa de 42000 reais. depois de um tempo fizeram um livro sobre os direitos das mulheres e ganharam muito dinheiro.